

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 07 | Jean-François Mattéi: Um retorno à caverna de Platão?

PÁGINA 11 | Luiz Carlos Susin: Alteridade: um *a priori* de carne e osso

PÁGINA 14 | Mônica Cragolini: Uma filosofia da alteridade radical

PÁGINA 16 | Pergentino Pivatto: A majestade do outro

PÁGINA 20 | Ricardo Timm: A contribuição de Lévinas à humanização da sociedade

PÁGINA 21 | Rafael Haddock-Lobo: Uma resposta a Husserl, Heidegger e Buber

PÁGINA 24 | Fernanda Bernardo: Lévinas e Derrida: pensamentos da alteridade “ab-soluta”

PÁGINA 29 | Simon Critchley: Religião, para Lévinas, é ética

PÁGINA 31 | Marcelo Pelizzoli: Inspiração levinasiana deve pautar o agir

PÁGINA 33 | Robert Bernasconi: Um pensamento inovador e incompreendido

### B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 37 | José Carlos da Silva Moreira Filho: Caravana da Anistia revela a obscuridade de 1964

» Invenção

PÁGINA 42 | Lígia Dabul

» Destaques On-Line

PÁGINA 44 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

» Perfil Popular

PÁGINA 48 | Alzira de Oliveira

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Viviane Todt



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

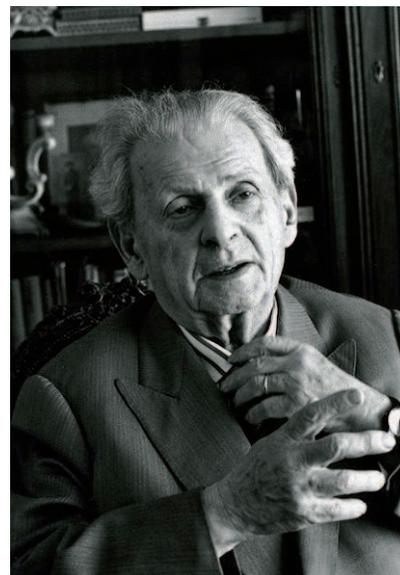
## Emmanuel Lévinas - Biografia

**E**mmanuel Lévinas (Kaunas, 30 de novembro de 1906 – Paris, 25 de dezembro de 1995) foi um filósofo francês nascido numa família judaica na Lituânia. Bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl,<sup>1</sup> de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger<sup>2</sup> e Franz Rosenzweig, o pensamento de Lévinas parte da idéia de que a Ética, e não a Ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face humano que irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à idéia o Infinito.

Nascido Emanuelis Levinas no seio de uma família judaica, sendo o pai um livreiro, Lévinas logo teve contato com os clássicos da literatura russa, como Dostoiévski<sup>3</sup> - tão citado em suas obras. Aos doze anos, na Ucrânia, assistiu à revolução de Outubro (1917). Mais tarde, estabeleceu-se na França (1923) e iniciou seus estudos de filosofia em Strasbourg. Dirigindo-se a Friburgo (1928-1929), tornou-se aluno de Edmund Husserl e Martin Heidegger, dos quais seria um dos primeiros a introduzir o pensamento na França. No ano seguinte, apresentou sua tese de doutorado sobre “La Théorie de l’Intuition dans la Phénoménologie de Husserl” (1930) e continuou escrevendo artigos sobre os dois autores, alguns recolhidos mais tarde em seu *En découvrant l’existence avec Husserl et Heidegger* (1949). Retornou a Paris, até que, tendo eclodido a II Guerra Mundial (1939), é capturado e feito prisioneiro pelos alemães. Exilado por cinco anos, não poderá mais esquecer a marca do ódio do homem contra o outro homem deixada pela violência nazista. No cativeiro, foi escrita grande parte de sua obra *De l’existence à l’existant* (1947), publicada dois anos após o fim da guerra.

Durante dezoito anos (1946-1964), dedicou-se à direção da

DIVULGAÇÃO



Escola Normal Israelita Oriental de Paris. Nesse período, publicou sua grande obra *Totalité et Infini* (1961), a qual representa um momento de síntese das investigações a que vinha se dedicando até então. *Difficile liberté* (1963) aparecerá dois anos depois, enfocando questões sobre o judaísmo. Leciona depois na universidade de Poitiers (1964-1967), na de Paris-Nanterre (1967-1973) e na de Paris-Sorbonne (1973-1984). Faleceu em Paris em dezembro de 1995.

### Memória do Holocausto

Historicamente, está impressa na sua obra a memória dos seis milhões de judeus assassinados pelo nacional-socialismo durante a Shoah (Holocausto), aos quais dedica seu livro *Autrement qu’être* (1974). Traz consigo, portanto, a inquietação de um século marcado pela dominação do homem sobre o outro homem. Nas palavras dele, “século que, em trinta anos, conheceu duas guerras mundiais, os totalitarismos de direita e de esquerda, hitlerismo e stalinismo, Hiroshima, o Goulag, os genocídios de Auschwitz e do Cambodja. Século que finda na obsessão do retorno de tudo o que estes nomes bárbaros significam. Sofrimento e mal impostos de maneira deliberada, mas que nenhuma razão limitava na exasperação da razão tornada política e desligada de toda a ética”.

Filosoficamente, Lévinas percebe que o pensamento ocidental, a partir da filosofia grega, desenvolveu-se como discurso de dominação. O Ser dominou a Antigüidade e a Idade Média, sendo depois substituído pelo eu desde a época moderna até os nossos dias, porém sempre sob o mesmo sinal: a unidade unificadora e totalizante que exclui o confronto e a valorização da diversidade, entendida como abertura para o Outro. A obra de Lévinas transmite o alerta

1 Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da IHU On-Line)

2 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt*. A fascinação por noções fundadoras do nazismo. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU em formação*, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

3 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-09-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da IHU On-Line)

de uma emergência ética de se repensar os caminhos da filosofia a partir de um novo prisma, de se partir do e já em direção ao Outro. Uma tal inspiração Lévinas buscará na sabedoria bíblico-judaica.

Confrontando a filosofia ocidental, dialoga constantemente com os pensadores da tradição, como Platão,<sup>4</sup> Descartes,<sup>5</sup> Kant,<sup>6</sup> Hegel,<sup>7</sup> Bergson,<sup>8</sup> Husserl e Heidegger. Esses dois últimos estão sempre presentes em sua obra, seja partindo deles, seja já tentando superá-los. A propósito, afirma: “Quase sempre, começo com Husserl ou em Husserl, mas o que digo já não está em Husserl” e, em outro lugar: “Apesar do horror que um dia veio associar-se ao nome de Heidegger - e que nada poderá dissipar - nada conseguiu desfazer em meu espírito a convicção de que *Sein und Zeit*, de 1927, é imprescritível”. De Descartes, Lévinas guarda a descoberta da idéia do infinito, tomada como orientação metafísica para a sua ética. Contudo, é com Franz Rosenzweig que comunga suas maiores intuições, autor esse “presente demais para ser citado”, segundo Lévinas.

4 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A república* e o *Fédon*. (Nota da IHU On-Line)

5 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

6 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da IHU On-Line)

7 **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*. (Nota da IHU On-Line)

8 **Henri Bergson** (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da IHU On-Line, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*. (Nota da IHU On-Line)

## Obras

Abaixo, a primeira edição de cada obra e sua respectiva tradução para o português, quando existente. A maioria já se encontra traduzida para o espanhol e inglês.

- *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl* (Paris: Alcan, 1930; Paris: Vrin, 1963)
- *De l'évasion. Recherches philosophiques*, v. V, 1935-1936; rééd. introduite et annotée par Jacques Rolland (Montpellier: Fata Morgana, 1982)
- *De l'existence à l'existant* (Paris: Vrin, 1947; Da existência ao existente. Trad. Paul Albert Simon & Ligia Maria de Castro Simon. Campinas: Papirus, 1999)
- *Le temps et l'autre* (Paris: Arthaud, 1947 (Trad. José Luis Pérez. Lisboa: *Phainomenon* - Revista de Fenomenologia, nº 11-Outono 2005, p.149-190)
- *Totalité et Infini. Essai sur l'extériorité* (La Haye: Martinus Nijhoff, 1961. *Totalidade e Infinito*. Trad. José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988)
- *Difficile liberté. Essai sur le Judaïsme* (Paris: Albin Michel, 1963)
- *Quatre lectures talmudiques* (Paris: Minuit, 1968. *Quatro leituras talmúdicas*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003)
- *Humanisme de l'autre homme* (Montpellier: Fata Morgana, 1972. *Humanismo do outro homem*. Trad. Pergentino S. Pivatto (Coord.). Petrópolis: Vozes, 1993)
- *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* (Paris: Kluwer Academic, 1974)
- *Noms propres* (Montpellier: Fata Morgana, 1976)
- *Du sacré au saint. Cinq nouvelles lectures talmudiques* (Paris: Minuit, 1977. *Do sagrado ao santo - cinco novas interpretações talmúdicas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001)
- *De Dieu qui vient à l'idée* (Paris: Vrin, 1982. *De Deus que vem à idéia*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto (Coord.). Petrópolis: Vozes, 2002)
- *Transcendance et intelligibilité. Suivi d'un entretien* (Genebra: Labor et Fides, 1984. *Transcendência e inteligibilidade*. Trad. José F. Colaço. Lisboa: Edições 70, 1991)
- *A l'heure des nations* (Paris: Minuit, 1988)
- *De l'oblitération. Entretien avec Françoise Armengaud à propos de l'oeuvre de Sosno* (Paris: La Différence, 1990)
- *La mort et le temps* (Paris: L'herne, 1991)
- *Dieu, la mort et le temps* (Paris: Grasset, 1993. *Dios, la muerte y el tiempo*. Trad. María Luisa Rodríguez Tapia. Ediciones Cátedra, 1998)
- *L'intrigue de l'infini* (Textes réunis et présentés par Marie-Anne Lescouret) (Paris: Flammarion, 1994)
- *Nouvelles lectures talmudiques* (Paris: Minuit, 1995)
- *Altérité et transcendance* (Montpellier: Fata Morgana, 1995)
- *Éthique comme philosophie première* (Paris: Éditions Payot & Rivages, 1998)

Fonte: Wikipedia

## Um retorno à caverna de Platão?

A sociedade corre o risco de retornar à barbárie, ou à caverna, numa versão “doce, indolor, tranqüilizadora”, capitaneada pela internet e televisão, pontua Jean-François Mattéi. Transcendência “inscrita na alma humana” é a reabilitação levinasiana para relativismo niilista

POR MÁRCIA JUNGES

**A**ceitar o desespero trágico ínsito no ser humano, bem como os crimes por ele justificados “merece o nome de barbárie”. A afirmação é do filósofo e cientista político francês Jean-François Mattéi, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Especialista em Platão mundialmente conhecido, ele disse que, antecipando idéias de Jean-Paul Sartre, Lévinas percebeu a náusea que acomete o homem “entregue a si mesmo, sem abertura para outra coisa senão sua própria impotência, e recusando esta vertigem da razão em termos definitivos”. O relativismo, pilar movediço sobre o qual se funda o niilismo de nossos tempos, foi detectado por Lévinas na filosofia tradicional. A ontologia que aceitasse o ser sem dar-lhe uma justificação é por ele classificada como bárbara. A saída oferecida pelo pensador lituano se configura através da reabilitação da “exigência de transcendência que está inscrita na alma humana”.

Maior influência filosófica de Lévinas, Platão e sua Paidéia servem de estofo para compreendermos a barbárie atual. De acordo com Mattéi, a Paidéia tira a alma do “bárbaro lodaçal”, quando está fechada em si mesma, fazendo-a subir. “Para Platão, a barbárie se refere à linguagem interior, inarticulada por estar fechada sobre si, como linguagem da alma. A alma bárbara se define pela resistência à alteridade, por causa de sua inércia ontológica que a faz recair sobre si mesma, em vez de elevar-se para o que a ultrapassa, quer se trate da alteridade das outras almas, quer se trate da alteridade do Bem.” A sociedade contemporânea, sob o império da imagem, centrado na televisão e na internet, por exemplo, corre o “risco de regressar, neste primado do Mesmo sobre o Outro, numa nova barbárie. Uma barbárie doce, indolor, tranqüilizadora, mas uma barbárie que faria de nós não seres humanos, e sim sombras. Longe de nos livrar da caverna, procuramos nela permanecer ou a ela retornar”. Nesse sentido, retornar a Lévinas e à Paidéia platônica nos faria ultrapassar a barbárie.

Mattéi é professor emérito da Universidade de Nice, França. Escreveu, entre outros, *L'Étranger et le Simulacre. Essai sur la fondation de l'ontologie platonicienne* (Paris, PUF, 1983), *L'ordre du monde. Platon, Nietzsche, Heidegger* (Paris, PUF, 1989) e *Platon et le miroir du mythe. De l'Âge d'or à l'Atlantide* (Paris, PUF, 1996). Em português, confira *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno* (São Paulo: Editora da Unesp, 2002).

**IHU On-Line - A barbárie como vertigem da razão é o fruto de uma sociedade que decretou o fim de tudo, inclusive de Deus. Faltam-lhe princípios orientadores e a sociedade procura fundar-se sobre um terreno movediço. Em que aspectos o pensamento de Lévinas pode sugerir saídas para a era de niilismo em que vivemos?**

**Jean-François Mattéi** - Como julgar o valor da civilização moderna que, a despeito dos esforços do cristianismo e da filosofia, acabou assimilando o homem à materialidade e a não crer em mais nada? Um dos primeiros textos de Lévinas, *Sobre a evasão*, denunciava “o abandono desse cuidado por transcendência, que era a honra do idealismo. Antes de Sartre, Lévinas descobria na *náusea* a afirmação de um ser entregue a si mesmo, sem abertura para outra coisa senão sua própria impotência, e recusando esta vertigem da razão em termos definitivos: “Toda civilização que aceita o ser, o desespero trágico que ele comporta e os crimes que ele justifica merece o nome de barbárie”.<sup>1</sup> De maneira ainda mais forte, o breve artigo, da mesma época, “Algumas reflexões sobre a filosofia do hitlerismo”, publicado em 1934 em *Esprit*, inscreve a possibilidade do *Mal elementar* na “ontologia do Ser, cuidadoso do ser” que seria assim, conforme o olhar retrospectivo do Post-scriptum de 1990, “a fonte da barbárie sanguinolenta do nacional-socialismo”.<sup>2</sup> Lévinas não hesitava, pois, em identificar este niilismo implícito da filosofia tradicional, agravado numa época submetida à vertigem relativista, e a forma nauseabunda da barbárie que é a medida extrema do Mal, esse mal inscrito nas forças elementares da terra e do sangue, numa materialidade privada de fisionomia. Assim, seria “bárbara” toda ontologia que aceitasse o ser sem procurar dar-lhe uma justificação e sem abrir o espaço da Altitude na qual se descobre

1 E. Lévinas, “De l'évasion”, *Recherches philosophiques*, tomo V. 1935-1936; *De l'évasion*, Montpellier, Fata Morgana, 1982; Paris, Le livre de poche [O livro de bolso], 1998, p. 94 e p. 127. (Nota do entrevistado)

2 E. Lévinas, “Algumas reflexões sobre a filosofia do hitlerismo”, *Esprit*, 1934; reedição Paris, Payot et Rivages, 1997, p. 25. (Nota do entrevistado)

a fisionomia do Bem. Lévinas oferece uma saída, na medida em que ele reabilita a exigência de transcendência que está inscrita na alma humana. Paralelamente a Lévinas, o filósofo tcheco Jan Patočka<sup>3</sup> punha em evidência a noção platônica de “cuidado da alma”, *épimelia tes psychés*, que, aberta à transcendência, dava sentido à aventura humana, orientando-a para as balizas éticas absolutas.

## “Lévinas oferece uma saída, na medida em que ele reabilita a exigência de transcendência que está inscrita na alma humana”

**IHU On-Line - Refletindo sobre o conceito levinasiano de alteridade, que lições poderíamos aprender para que o terrorismo contemporâneo e a intolerância religiosa sejam combatidos?**

**Jean-François Mattéi** - Tudo o que revela intolerância ameaça, com frequência, terminar no terrorismo, como nos mostra a história antiga e recente. Poder-se-ia dizer que a filosofia, desde sua aparição em Platão, procurou suprimir a intolerância e a ameaça de morte que ela encerrava. Assim, Sócrates<sup>4</sup> não foi *tolerado* pelos atenienses sob o pretexto de que não acreditava mais nos deuses da cidade, e seus concidadãos o condenaram à morte. Platão fala disso longamente na *Carta VII*.

John Locke,<sup>5</sup> em suas famosas

3 Jan Patočka (1907-1977): filósofo tcheco, da corrente fenomenológica, discípulo de Edmund Husserl. (Nota da IHU On-Line)

4 Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da IHU On-Line)

5 John Locke (1632-1704): filósofo inglês, pre-

*Cartas sobre a tolerância*, mostrava que os pensamentos concernentes às especulações religiosas possuem “um direito absoluto e universal à tolerância” e realçam uma “liberdade perfeita e incontável”. Não se pode definir a tolerância. Os dogmas e os cultos não podem causar perturbação num Estado, já que este é um assunto entre o crente e Deus que se passa num mundo privado conectado a *outro* mundo, e não num mundo público que o conecta aos outros homens. Lévinas tem uma posição diferente, ética e não política, mas que retoma esta idéia de alteridade. O respeito absoluto pela dignidade humana transmitida, de uma parte pelo judaísmo e pelo cristianismo, com o respeito da lei moral, interdita de vez a intolerância ante todo ser humano.

### O rosto do Outro

Lévinas confere, com efeito, à *alteridade*, expressa de um só golpe pelo encontro de um rosto, um privilégio absoluto baseado no fato de sua diferença e de sua nudez. Pois o rosto que encontramos não é o nosso rosto, o rosto do mesmo, mas *outro rosto*. E é a visão desta alteridade que se insere sobre nossa identidade, embora se trate, nos dois casos, de um rosto humano que nos orienta naturalmente para o *Rosto* em sua distância absoluta que é a de Deus. A originalidade do pensamento levinasiano vem desta precedência do rosto que me faz face e que, portanto, longe de remeter a mim mesmo, me põe em presença de Deus. O terrorismo não se funda no amor do distante, mas no temor do próximo. Seria preciso, para aniquilá-lo, converter seu fascínio pelo próximo que ele procura destruir, em amor pelo distante.

**IHU On-Line - Se consideramos a alegoria da caverna, de Platão, poderíamos dizer que a intolerância com o outro, com aquele que é diferente,**

decedor do iluminismo, que tinha como noção de governo o consentimento dos governados diante da autoridade constituída, e, o respeito ao direito natural do homem, de vida, liberdade e propriedade. Com David Hume e George Berkeley era considerado empirista. (Nota da IHU On-Line)

**são sombras que se projetam hoje em dia na sociedade contemporânea?**

**Jean-François Mattéi** - A alegoria da caverna é certamente o texto mais comentado e o mais influente de toda a história da filosofia. Ele responde a diversas preocupações de Platão, ontológicas, epistemológicas, éticas e filosóficas. Mas, sem dúvida, a dimensão ética é a mais importante. Os prisioneiros da caverna, acorrentados aos seus fantasmas desde seu nascimento, não conhecem nada fora das sombras que eles percebem sobre a parede rochosa, mas não se conhecem sequer a si próprios, pois, segundo a palavra de Píndaro,<sup>6</sup> eles são “o sonho de uma sombra”.<sup>7</sup> Eles são, pois, a ignorância de toda alteridade, não somente daquela das sombras, mas daquela dos objetos reais na caverna e, sobretudo fora da caverna. A libertação do prisioneiro, que vai conduzi-lo para a liberdade de pensar, é, pois, uma conquista da *alteridade* essencial. Ela não é limitada à alteridade do sensível, mas põe em evidência a alteridade do inteligível.

O que é, então, esta *Paidéia*, esta libertação da alma na qual consiste a formação do homem verdadeiro? Uma conquista da altura pelo ser arrancado da obscuridade da caverna, uma abertura para a luz por uma ultrapassagem da sombra inicial, uma apreensão do que ultrapassa mesmo, como o dirá Lévinas, toda altura, uma altura impossível de se atingir, mas para a qual, no entanto, o prisioneiro avança: trata-se da altura absoluta do Bem. Simone Weil<sup>8</sup> falará, neste sentido, aproximando Platão do cristianismo, do “ônus”

6 Píndaro (518 a. C - 438 a. C): poeta grego, autor de Epínios ou Odes Triunfais, e autor também da célebre frase “*Homem, torna-te no que és*”. (Nota da IHU On-Line)

7 Píndaro, Oitava Pítica, 95. (Nota do entrevistado)

8 Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa, centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, Weil recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições número 84, de 17-11-2003, e número 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*. (Nota da IHU On-Line)

e da “graça”. Platão, de sua parte, escreve que o Bem é *épekeina tes ousias*, o “além do ser”, pois não se trata mais da ordem ontológica, mas da ordem ética. A educação ou *Paidéia* consiste, pois, em tirar a alma de seu “bárbaro lodaçal” (*borboro barbariko*),<sup>9</sup> para fazê-la aceder ao que há “no alto” (*ano*). Esta imagem surpreendente, na qual a brutal reduplicação sonora *bar-bar* se encontra reforçada por uma nova reduplicação, igualmente rude, *bor-bor*, deixa pressentir que, para Platão, a barbárie se refere à linguagem interior, inarticulada por estar fechada sobre si, como linguagem da alma. A alma bárbara se define pela resistência à alteridade, por causa de sua inércia ontológica que a faz recair sobre si mesma, em vez de elevar-se para o que a ultrapassa, quer se trate da alteridade das outras almas, quer se trate da alteridade do Bem. Em minha obra *A barbárie interior*, eu procurei mostrar que nossa sociedade contemporânea, confiando-se às sombras da caverna (primado das imagens, dos fantasmas, da ilusão, que se encontra na televisão ou em todos os meios de comunicação, entre os quais a Internet), corria o risco de regressar, neste primado do Mesmo sobre o Outro, numa nova barbárie. Uma barbárie doce, indolor, tranquilizadora, mas uma barbárie que faria de nós não seres humanos, e sim sombras. Longe de nos livrar da caverna, procuramos nela permanecer ou a ela retornar.

**IHU On-Line - Neste contexto, como Lévinas pode contribuir para a construção dos pilares de uma ética voltada para o Outro, mas que considere, ao mesmo tempo, a autonomia do sujeito pós-moderno?**

**Jean-François Mattéi** - Lévinas procurou restabelecer o cuidado da transcendência, pondo em questão a subjetividade moderna que se dissimulou, filosoficamente, na obscuridade da imanência e, socialmente, no grande dia do individualismo. É este o fim de seu próprio empreendimento, se estes textos fenomenológicos ainda são

9 Platão, *República*, VII, 533 d. (Nota do entrevistado)

influenciados pela subjetividade. Mas uma de suas últimas coletâneas, em 1987, traz radicalmente o título de *Hors sujet [Fora do sujeito]* e identifica “proximidade e transcendência fora de todo sujeito”.<sup>10</sup> O pôr em questão a ipseidade do sujeito e de sua pretensão de ultrapassar toda alteridade em sua coincidência consigo mesmo, e portanto, reabsorção no Mesmo, estava, aliás, em germe desde os primeiros escritos de Lévinas. Qual é, com efeito, o Mal elementar que submete o homem a ponto de conduzi-lo por vezes à “barbárie sangrenta”, senão a imanência do sujeito que rejeita, na sombra, “a eminência do rosto humano”, uma eminência presente tanto no ensinamento judaico como nas letras gregas”<sup>11</sup>? O ser-cravado racial ou social, descrito em *Sobre a evasão* e “Algumas reflexões sobre a filosofia do hitlerismo”, não é simplesmente o ser-cravado do político moderno, que fez o homem decair de sua condição de cidadão para entregá-lo à condição de sujeito; é, mais em geral, o ser-cravado de um sujeito que deslocou sua sujeição em face do Bem para uma sujeição a si mesmo. A encarnação do sujeito é a separação do Bem.

Quando Lévinas evoca “esta liberdade infinita em face de todo apego”, e primeiramente do apego a si mesmo, esta liberdade que está na base da “noção cristã da alma”, ele lhe reconhece “a austera pureza de um sopro transcendente”.<sup>12</sup> Saudando os pensadores franceses do século XVIII, Diderot<sup>13</sup> ou La Mettrie,<sup>14</sup> que, a des-

10 E. Lévinas, “Hors sujet”, texto inédito publicado em *Hors sujet*, Montpellier, Fata Morgana, 1987; reedição Paris, Le livre de poche, 1997, p. 215. (Nota do entrevistado)

11 E. Lévinas, *Ética e infinito*. Diálogos com Philippe Nemo, Paris, Arthème Fayard, 1982, p. 115. (Nota do entrevistado)

12 E. Lévinas, *Algumas reflexões sobre a filosofia do hitlerismo*, op.cit., p. 11. (Nota do entrevistado)

13 Denis Diderot (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l’usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao cepticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da IHU On-Line)

14 Julien Offray de La Mettrie (1709-1751): médico e filósofo francês, um dos primeiros escritores a escrever sobre o materialismo na

peito de seu materialismo, salvaguardaram a precedência da razão no seio da matéria física ou social, Lévinas acrescentava: “O que resta do materialismo, quando a matéria é toda penetrada de razão?”<sup>15</sup> Mas o que resta, então, da subjetividade, quando o sujeito é todo penetrado por alteridade? O que resta da barbárie, quando o bárbaro é todo penetrado de humanidade? Não grande coisa, sem dúvida, a não ser a própria palavra que não conseguiria apagar o vestígio da transcendência desde que ela soube quebrar a casca do sujeito para libertar sua própria humanidade.

**IHU On-Line - Você diria que há muita influência de Platão sobre Lévinas quando este pensa o Outro como fundamental para o Eu? Por quê?**

**Jean-François Mattéi** - Platão foi a maior influência filosófica de Lévinas. Em *Totalidade e Infinito*, em 1961, e em *De outro modo que ser ou além da essência*, em 1974, as referências a Platão são as mais numerosas, tomando a primeira terça parte de *Totalidade e Infinito* a forma de um comentário do *Fedro*. Seis diálogos são mencionados em *Totalidade e Infinito*: o *Fedro*, a *República*, o *Parmênides*, o *Banquete*, o *Fédon* e o *Teeteto*, para um total de dezenove referências, na maioria das vezes precisas, das quais dez somente para o *Fedro*. Oito diálogos são apresentados em *De outro modo que ser*, como o *Hípias menor*, o *Górgias*, o *Sofista* e o *Timeu*, além dos diálogos precedentes, menos o *Banquete* e o *Teeteto*, para um conjunto de vinte e sete referências.

O platonismo de Lévinas é manifesto em sua crítica da arte que “substitui imagens ao ser” e contribui assim à chegada da “sombra”.<sup>16</sup> Não é, no entanto, este platonismo crítico da obra que torna visível “a obscuridade do elementar”, segundo a fórmula de “A servente e seu mestre”,<sup>17</sup> que me parece ser o mais

importante. É o *épékeina tes ousias* da República que orienta a pesquisa levinasiana, mas também as categorias do Mesmo e do Outro, saídas do *Sofista*. Lévinas identifica, enquanto *outro*, um Outro. Desde que “a relação da linguagem supõe a transcendência, a separação radical, o ser estranho dos interlocutores, a revelação do Outro a mim”,<sup>18</sup> a palavra dá testemunho do elo paradoxal que liga o infinito ao finito, ou seja, “a intriga do infinito”. O Outro manifesta a altura onde Deus – ou o Bem – se revela de um só golpe,

**“O platonismo de  
Lévinas é manifesto  
em sua crítica da arte  
que ‘substitui imagens  
ao ser’ e contribui assim  
à chegada da ‘sombra’”**

à imagem de Sócrates que aparece de repente a Alcibiades (*Banquete*, 213 c 2) ou da alma do defunto que é posta a nu pela alma do juiz divino (*Górgias*, 523e 4). A ruptura ética é brutal e instantânea. Contra a *empresa do ser*, a *surpresa* do rosto, oferecido em seu desnudamento: contra o *horizonte* da fenomenologia, votada ao rosto, à finalidade e à intencionalidade de uma consciência que se abisma em sua noesis [conhecimento], a *altura* do ético, estabelecido como mandamento, sentido e significância. Visto do Bem, o ser é insignificância, ele não é mais *dicção*, senão *bemdicção* (benção): ele é todo esplendor e todo vaidade.

*bre Maurice Blanchot*, Montpellier, Fata Morgana, 1976. (Nota do entrevistado)

<sup>18</sup> E. Lévinas, *Totalidade e Infinito. Ensaio sobre a exterioridade*, La Haye, Martinus Nijhoff, 1961; reed. Paris, Le livre de poche, 1994, p. 32, p. 31. (Nota do entrevistado)

Platão foi o primeiro que amestrou as regras do jogo do Mesmo e do Outro no *Sofista*, definindo a dialética como a arte de “não tomar por outra uma forma que é a mesma, nem, para a mesma, uma forma que é outra” (253 d). Mas, no topo da dialética, o ser se eleva além de seus próprios gêneros, para erguer-se a uma alteridade estranha que o impede de confundir-se com aqueles aos quais ele confere o ser. A relação ética do Mesmo e do Outro requer, então, o tempo do diálogo até um ponto tal que seja preciso compreender a ordem platônica da dialética como um mandamento ético, antes do que como uma análise lógica. A dialética tece os seus pontos e contrapontos na estranheza de todo *encontro*, seja o hóspede imprevisto um homem, um ser divino ou um deus. E, sem dúvida, não por acaso, é que o *Sofista* se abre para um encontro improvisado, o de um estrangeiro vindo da Eléia, que quebra o círculo dos amigos de Sócrates, e que o encontro entre o Mesmo e o Outro é conduzido, face ao jovem homônimo de Sócrates que se cala, por um estrangeiro anônimo que toma a palavra ao filósofo.

**IHU On-Line - Sob que aspectos a ética levinasiana pode ser comparada à ética platônica?**

**Jean-François Mattéi** - Lévinas caracteriza a filosofia contemporânea por um antiplatonismo de princípio. Sua obra *Humanismo do outro homem* discerne, na “subordinação do intelecto à expressão”, ou na inversão das relações entre “o mundo das significações”, o que Platão procurava estabelecer na “Idéia”, e “a linguagem e a cultura que o exprimem”, o que a modernidade coloca, ao contrário, como primeiro. Se toda “a história ocidental foi uma destruição da transcendência”, lemos em “Deus e a filosofia”, não se limitando a filosofia ao conhecimento da imanência, mas identificando-se a esta própria imanência, é porque a filosofia toda inteira permaneceu submissa à idéia de totalidade. A ética de Lévinas procura restituir um sentido ao que excede a totalidade. O que ele nomeia como

Era do Iluminismo. É apontado como um fundador da ciência cognitiva. (Nota da IHU On-Line)

<sup>15</sup> Lévinas, op. cit., p. 12. (Nota do entrevistado)

<sup>16</sup> E. Lévinas, “A realidade e sua sombra”, *Os tempos modernos*, novembro de 1948, nº 38. (Nota do entrevistado)

<sup>17</sup> E. Lévinas, “A servente e seu mestre”, *So-*

“o outro do ser”, “de outro modo que ser”, ou ainda, no título de sua segunda grande obra, “além da essência”, é a exigência do Sentido como primeiro em relação ao “mundo das significações” dos clássicos, como à “linguagem e à cultura” dos modernos. O pluralismo das significações, vinculado à ordem cultural, jamais é a causa, mas o efeito de uma “orientação e de um sentido sem equívoco, ao qual a humanidade se atém”. E esta orientação é a ética.

Deve-se distinguir as significações e o sentido, e não somente as significações ideais e suas expressões históricas, de maneira que “o sentido” seja corretamente colocado como “orientação” e unidade do ser. É o acontecimento ético primordial no qual vêm situar-se “todos os outros processos do pensamento e toda a vida histórica do ser”. Este sentido *único* e imemorial, “sentido do sentido”, análogo a “Roma aonde levam todos os caminhos”, ou, melhor ainda, a “a sinfonia onde os sentidos se tornam canoros, o cântico dos cânticos”, é pensado como um impulso para o Outro onde se reconhece o que Lévinas chama “a retidão da significação”, um afastamento da filosofia tradicional que pode permitir-nos “retornar de maneira nova ao platonismo”.

Tal retorno existe em três palavras gregas saídas da pena de Platão, mas desaparecidas na má consciência da ontologia: *épékeina tes ousias*, “além da essência”, segundo a tradução habitual. Lévinas faz referência ao Platão do livro VI da *República* em seu grande livro *De outro modo que ser ou além da essência*, para tentar restituir um sentido à ética e, deste modo, à filosofia. Os dois maiores autores aos quais Lévinas apela em todos os seus escritos são Platão e Descartes. O pensador grego, pela *épékeina tes ousias* da *República*, sobre a qual Lévinas encerra seu prefácio à edição alemã de *Totalidade e Infinito*, em 1967; o pensador francês, pela “idéia do infinito”, ou antes, “a idéia de uma substância infinita”, colocada em mim por “alguma substância verdadeiramente infinita”, da terceira Meditação.

## Alteridade: um *a priori* de carne e osso

Para além do formalismo kantiano, a ética levinasiana considera o outro como ponto de partida e de chegada. Apenas assim é possível dar espaço à dignidade do outro enquanto radicalmente diferente do eu e, também, doador de sentido para esse eu

POR MÁRCIA JUNGES

Aproximando o pensamento de Emmanuel Lévinas com o de Emmanuel Kant, Luiz Carlos Susin mencionou que há uma clara “prioridade”, comparável aos *a priori* kantianos, “do outro, portanto da alteridade na relação com a subjetividade”. A diferença, destaca, é que o postulado levinasiano seria “de carne e osso”, uma vez que “tem a ver com a sensibilidade sem abandoná-la e da qual a razão é servidora”. Entrevistado por e-mail pela IHU On-Line, Susin falou, ainda, sobre como aparece na obra desse autor a memória dos 6 milhões de judeus assassinados no Holocausto: “Sartre foi até o ‘nada’ e a ‘náusea’, mas Lévinas foi além do nada, até o caos e o horror, e foi além da náusea, até o mais puro sofrimento físico e psíquico, aquele da vítima diante do prazer do algoz com um revólver em sua nuca. E como se ergue daí? Através da compaixão e da responsabilidade que incluem quem faz sofrer, maternidade com dores de parto por um mundo cruel que pode ser resgatado”. No que tange à ética, diferentemente da aristotélica, que “aceitava tranquilamente o desnível de tratamento entre homens livres e homens escravos, entre cidadão gregos e bárbaros, entre varões e mulheres”, a ética de Lévinas toma como partida o outro. E é somente uma ética nesses moldes que “pode abrir espaço para a dignidade do outro enquanto radicalmente diferente do eu e, no entanto, doador de sentido para o próprio eu”.

Susin é graduado em Teologia pela Universidade de Ijuí (Unijuí) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). cursou mestrado e doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG), Itália. Sua dissertação intitulou-se *A subjetividade e alteridade em Emmanuel Lévinas*, e a tese *O homem messiânico em Emmanuel Lévinas*. Leciona na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), em Porto Alegre. É autor de inúmeras obras, entre as quais citamos *O homem messiânico no pensamento de Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EST/Vozes, 1984) e *Teologia para outro mundo possível* (São Paulo: Paulinas, 2006). É um dos organizadores de *Éticas em diálogo: Lévinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003).



DIVULGAÇÃO

**IHU On-Line - Como aparece o homem messiânico em Lévinas?**

**Luiz Carlos Susin** - Lévinas elaborou uma nova interpretação da subjetividade: nem o “sujeito absoluto” hegeliano, nem apenas o sujeito imerso no mundo para bem e para mal, na forma como a filosofia da existência o apresenta, mas o sujeito “submetido” constitutivamente à responsabilidade pelo mundo (este era o conceito medieval de “sujeito a”). A responsabilidade provém de uma “assignação”, ou seja, uma “eleição” que cria a subjetividade com um caráter de unicidade no “envio à responsabilidade” de forma única e insubstituível. É uma antropologia filosófica enquanto se move na tradição de filosofia ocidental contemporânea, mas é de origem judaica, de fundo bíblico. É uma interpretação do messianismo que constitui a subjetividade humana.

**IHU On-Line - De que forma esse conceito é ainda atual?**

**Luiz Carlos Susin** - A história do Ocidente, em cujos componentes há elementos marcantes das tradições judaica e cristã, é uma história marcada pelo messianismo. Em termos mais seculares e modernos, trata-se do “sujeito histórico”: quem é o “eleito” para conduzir ou levar sobre seus ombros a história até sua consumação ou redenção? O Imperador e o Rei, ou o Papa e a Igreja, ou o Estado, os partidos? Ou ainda os nobres cavaleiros, ou os burgueses empreendedores ou os proletários e a revolução do povo? Às vezes, tal impulso messiânico da história recebeu o nome de alguém, às vezes de uma classe, de um movimento, de uma revolução. Ora teve caráter religioso, ora secular e mesmo anti-religioso, mas é sempre algo “messiânico”, ainda que metamorfoseado. Evidentemente, até o nazismo foi considerado por Heidegger, mestre de Lévinas, com uma áurea messiânica, portador de um projeto histórico, ao menos por um rápido tempo que logo levou Heidegger ao desencantamento. Depois do comunismo há uma rejeição a toda forma de movimento messiânico. Mas, da mesma forma, estamos numa crise sem precedentes do “sujeito”. Mais que “pós-modernidade”, seria um “pós-Occidente”. Lévinas leu o messianismo pela sua constituição ética: o sujeito só é autêntico sujeito quando

é eticamente bem fundado e aberto a uma responsabilidade por outros, universalmente. O debate sobre o sujeito, hoje, se decide na ética.

**IHU On-Line - Como alteridade e subjetividade se colocam em sua problemática filosófica?**

**Luiz Carlos Susin** - Há uma clara “prioridade” – algo comparável aos a priori kantianos – do outro, portanto da alteridade, na relação com a subjetividade. Mas substancialmente diferente de Kant porque é de carne e osso, tem a ver com a sensibilidade sem abandoná-la e da qual a razão é servidora. Embora a consciência subjetiva come-

**“Somente uma ética  
que parta do outro  
mesmo pode abrir  
espaço para a dignidade  
do outro enquanto  
radicalmente diferente  
do eu e, no entanto,  
doador de sentido para  
o próprio eu”**

ce em si mesma como uma *causa sui* desde a sensibilidade, aparentemente *ex nihilo* ou fonte de si mesma, há alguma ocasião traumática em que acontece inversão, que é ao mesmo tempo retidão e justificação da subjetividade a partir do outro que então resplandece desde sua fragilidade e apelo ético. Há também uma nova irreciprocidade em que o outro passa a ser o referente maior, ao qual a subjetividade está sujeita como condição de sua própria existência e liberdade.

**IHU On-Line - Em que sentido Lévinas reconstrói a subjetividade?**

**Luiz Carlos Susin** - Embora os textos de Lévinas sejam reiterações, com retomadas cada vez mais profundas,

pode-se estabelecer um percurso linear de passos e de níveis, ao menos em sentido lógico, não necessariamente existencial. Diante da irrupção da alteridade, a subjetividade sofre um primeiro movimento de desconstrução ou deposição no questionamento de sua soberania e na vergonha de sua enormidade, para se tornar então aprendiz e diaconal, posta a serviço do outro. É nesse movimento que a vontade deixa de ser virtualmente violentadora para se tornar “boa vontade”, assim como a liberdade ganha autoridade até para a transgressão em vista da diaconia ao outro. Mas, numa relação sem reciprocidade que desloca o centro da subjetividade para a alteridade, a subjetividade se carrega de responsabilidade cada vez mais abismal, como se tornando o pedestal onde repousa o mundo inteiro. O que salva desta “loucura messiânica” é o fato de que o outro é sempre plural, é muitos, e por isso é necessário também se encarregar das medidas, das mediações, de mais outros para cumprir a tarefa da subjetividade em relação a todo outro. Ou seja, no final há uma “correção” da subjetividade no sentido etimológico: o outro mesmo, enquanto plural, ampara retamente a subjetividade para que não resvale no delírio.

**IHU On-Line - Que contribuições Lévinas oferece à teologia, sobretudo no contexto latino-americano?**

**Luiz Carlos Susin** - Um grupo de estudantes latino-americanos, em memorável encontro com Lévinas em Lovaina/Bélgica, perguntou sobre a possibilidade de incidência de sua filosofia na realidade latino-americana. Ele simplesmente disse que não saberia responder diretamente a isso, mas o fato de que lá estivesse um grupo preocupado com o destino da América Latina comprovava que haveria esperança, e que era este grupo quem deveria examinar tal contribuição. Enrique Dussel<sup>1</sup> foi o primeiro a desenvolver um pensamento latino-americano com categorias levinasianas. Mas hoje, em suas categorias, desde

<sup>1</sup> Enrique Dussel (1934): filósofo argentino, radicado desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação e do pensamento latino-americano em geral. (Nota da IHU On-Line)

sua avaliação crítica do Ocidente até suas propostas, a teologia reconhece amplamente, em toda parte, o horizonte bíblico, a contribuição judaica para entendê-lo e quanto isso ilumina também as categorias cristãs tomadas do Novo Testamento. E algumas delas, exatamente em tempos de crise de sujeito histórico e descrença no Sujeito Absoluto, ajudam uma melhor compreensão do que seja “messias”, “eleição”, “expição”, “substituição”, profetismo. Ele coloca à disposição de todos, universalmente, a substância dessas categorias. Uma paráfrase que dá o que pensar depois de Lévinas é que, assim como “a ética é a filosofia primeira”, portanto a metafísica primeira, também “a ética é a teologia primeira”, o lugar e a linguagem da transcendência e do divino.

#### **IHU On-Line - Como aparece na obra de Lévinas a memória dos 6 milhões de judeus mortos no Holocausto?**

**Luiz Carlos Susin** - Ao lado dos textos rigorosamente filosóficos, em excelente linguagem fenomenológica, Lévinas nos deixou comentários talmúdicos e numerosos pequenos textos de caráter tipicamente judaicos, frutos de suas intervenções em programas para o público judeu-francês. É necessário ler juntos os dois gêneros de textos para entender o quanto o Holocausto moldou o seu pensamento e a sua filosofia. Sartre<sup>2</sup> foi até o “nada” e a “náusea”, mas Lévinas foi além do nada, até o caos e o horror, e foi além da náusea, até o mais puro sofrimento físico e psíquico, aquele da vítima diante do prazer do algoz com um revólver em sua nuca. E como se ergue daí? Através da compaixão e da responsabilidade que incluem quem faz sofrer, maternidade com dores de parto por um

2 Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

mundo cruel que pode ser ainda resgatado. Evidentemente dito assim, de chofre, pode dar a impressão de uma monstruosa manipulação do sofrimento absurdo. Mas é necessário ler o seu livro *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* para compreender o absurdo e a graça ou santidade da subjetividade. Ele elabora o luto do Holocausto e encontra o sentido em meio ao sofrimento, algo talvez comparável a Viktor Frankl<sup>3</sup> com sua logoterapia.

#### **IHU On-Line - O mundo pode ser diferente a partir da concepção do outro como um ser que merece respeito e consideração?**

**Luiz Carlos Susin** - A importância do outro, o “humanismo do outro homem”, conforme o título de uma obra de Lévinas, não é uma necessidade biológica e nem mesmo lógica. A ética de Aristóteles aceitava tranquilamente o desnível de tratamento entre homens livres e homens escravos, entre cidadãos gregos e bárbaros, entre varões e mulheres. Somente uma ética que parta do outro mesmo pode abrir espaço para a dignidade do outro enquanto radicalmente diferente do eu e, no entanto, doador de sentido para o próprio eu. E agora a inversão: de certa forma, seguindo o pensamento de Lévinas, o outro é a condição de possibilidade para que o eu mereça respeito de si mesmo: à luz do outro o eu ganha consideração e é exaltado para além de si mesmo na resposta e responsabilidade por um mundo de convivência e paz. A pergunta acima está correta, é a melhor pergunta que costumamos fazer, mas Lévinas inverteria os termos da pergunta, como busquei fazer aqui. Só nesta inversão o mundo pode ser também diferente, pois só então está salvo da arbitrariedade e da injustiça que perseveram nos juízos que partem do eu em relação ao outro.

#### **IHU On-Line - Em que medida Lévinas nos fornece elementos para pensar o mundo em sua dimensão sagrada, divina?**

3 Viktor Emil Frankl (1905-1997): médico e psiquiatra austríaco, fundador da escola da Logoterapia, que trabalha o sentido existencial do indivíduo e a dimensão espiritual da existência. (Nota da IHU On-Line)

**Luiz Carlos Susin** - Lévinas teve dificuldade com a categoria de sacralidade, sobretudo sacralidade do mundo. Em comentário à antropologia cultural que encontrava a sacralidade do mundo na forma de fusão da subjetividade com o todo da realidade, ele contrapôs, a esta sacralidade que ele considerou violenta, a categoria de santidade e relação de absolutamente distintos, o paradoxo de uma “relação de absolutos”, no plural. De modo geral, pensamos o Absoluto platonicamente e hegelianamente: Um e Todo. Este monismo e este holismo podem ser perigosos, pois como parte do todo se pode ser também amputado quando necessário ao todo. Assim surgem as minorias expiatórias em vista da saúde de todos. Lévinas “recupera” o sentido do mundo na relação entre absolutos, em que o mundo é dom e contra-dom. Nesse sentido, o mundo é possibilidade de “liturgia” no sentido técnico que os gregos davam ao termo: um dom público, inteiramente gratuito e às expensas do doador. Mas, antes de tudo, é dom que se recebe, portanto o mundo tem aliança indesvendável com a alteridade indesvendável: me é ofertado. Assim se torna também ocasião de contra-dom que não vai em direção ao que não posso desvendar, mas ao que posso socorrer: o outro em sua nudez. O mundo entra na trama ética, no desígnio da justiça, e assim é visto como um mundo justo e firme, e também santificado eticamente. Lévinas leva ontologicamente a sério o dito do salmo que reza: A injustiça “abala todos os fundamentos da terra” (cf. Sl 82,5).

#### **IHU On-Line - Qual é a situação da pesquisa desse autor no Brasil?**

**Luiz Carlos Susin** - A recepção veio sendo muito lenta, como foi lenta também na Europa. É inclusive coerente que seja lenta e com muita resistência. Não é um pensamento espetacular e não obedece o rigor da filosofia analítica e formal. É uma filosofia que necessita de uma experiência revolucionária, dolorosa e esperançosa, e sobretudo disposição a uma desmedida generosidade. Todo o percurso do Ocidente anda pelo outro lado, pelo pensamento que se quer auto-certificar e se auto-asse-

gurar. É a diferença entre a viagem de Ulisses e a viagem de Abraão. A primeira é a odisséia da identidade, a segunda é alteração sem retorno, ao infinito. Não há meio termo possível. E isso cria conflito. Também no Brasil há quem pense que Lévinas é um teólogo transvestido de filósofo, mas pode-se perguntar se não há sempre algo de teológico em toda filosofia, até a mais “atéia”. Além disso, o método de Lévinas não prima pela formalidade, mas pela descrição fenomenológica da experiência, o que também representa uma dificuldade de recepção. Finalmente, sua falta de linearidade, seu modo recursivo de pensar, parece hermético à primeira leitura. É necessário lê-lo com o esforço do *insight*, da intuição.

No entanto, há hoje um número respeitável de teses e dissertações em torno de seu pensamento no Brasil, além de publicações cada vez mais numerosas. O interesse se estende por todo o território brasileiro, com muito intercâmbio e trabalho conjunto, inclusive com países vizinhos. Há uma curiosidade e depois um real interesse por parte de estudantes de filosofia na aventura a que lança Lévinas. Há um Centro Brasileiro de Estudos sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas (CEBEL), que pode ser contatado através dos sites: [www.pucrs.br/ffch/filosofia/pos/cebel/](http://www.pucrs.br/ffch/filosofia/pos/cebel/); [www.cebelonline.hpg.ig.com.br/index.htm](http://www.cebelonline.hpg.ig.com.br/index.htm) e [www.cebelonline.kit.net](http://www.cebelonline.kit.net).

#### LEIA MAIS...

Luiz Carlos Susin já concedeu outras entrevistas e depoimentos à revista IHU On-Line e ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. O material pode ser acessado através do site: [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

\* *Uma visão idealista e uma afirmação muito identitária*. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, em 11-07-2007;

\* *II Fórum Mundial de Teologia e Libertação*. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, em 09-02-2007;

\* *Depoimento sobre a notificação do Vaticano a Jon Sobrino*, publicado nas Notícias do Dia, em 15-03-2007;

\* *Teologia da Libertação e Aparecida: realmente uma volta ao fundamento?*. Entrevista concedida com Erico Hammes à IHU On-Line nº 261, de 09-07-2008;

\* *A vivacidade das experiências de chegada e encontro com Cristo na história gaúcha*. Entrevista publicada na IHU On-Line nº 238, de 01-10-2007.

## Uma filosofia da alteridade radical

Obra levinasiana não é filosofia moral, ou filosofia edificante, mas tentativa de pensar a alteridade de forma radical, analisa a filósofa argentina Mônica Cragnolini

POR GREYCE VARGAS E MÁRCIA JUNGES

Na opinião da filósofa argentina Mônica Cragnolini, “a importância concedida ao ético sobre o ontológico não significa que se possa dizer que o pensamento levinasiano é uma ‘filosofia moral’ ou uma filosofia edificante. Deveríamos dizer, pelo contrário, que é uma intenção de pensar a questão da alteridade de uma maneira mais radical”. E continua: “Creio que, apesar das distâncias, Nietzsche e Lévinas podem aproximar-se em sua crítica radical ao modo de conceber ao homem nos humanismos ou nas filosofias do Mesmo”. A íntegra da entrevista exclusiva que concedeu à IHU On-Line por e-mail pode ser conferida a seguir.

Cragnolini é doutora em Filosofia e, desde 1983, professora adjunta da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. De suas obras, citamos *Razón imaginativa, identidad y ética en la obra de Paul Ricoeur* (Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1993), *Nietzsche: camino y demora* (Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003) e *Moradas nietzscheanas* (Editorial La Cebra: Buenos Aires, 2007). É diretora da revista *Instantes y azares*. Escrituras nietzscheanas, bem como sócia-fundadora da Sociedade Iberoamericana Nietzsche. Lecionou como professora convidada em dezenas de universidades pelo mundo. A entrevista a seguir foi concedida por e-mail. Confira.



DIVULGAÇÃO

**IHU On-Line - Qual é a atualidade do pensamento de Emmanuel Lévinas?**

**Monica Cragnolini** - Lévinas é um ator muito presente em diversos debates contemporâneos, como aqueles que dizem respeito a toda a problemática da alteridade nas figuras do estrangeiro, no refugiado, no diferente. Sua presença é inevitável também no debate em torno da comunidade. A crítica que ele realizou sobre o pensamento heideggeriano é fundamental para entender as premissas deste debate a partir de autores como Blanchot,<sup>1</sup> Nancy,

Derrida<sup>2</sup>, Esposito<sup>3</sup> e outros. No sentido de que o pensamento de Heidegger tentou, com a noção da existência humana como *Dasein*, ir mais além da “metafísica da subjetividade”, na medida em que o *Dasein* é basicamente abertura e projeto, não posso diminuir

1 Maurice Blanchot (1907-2003): filósofo, romancista e crítico literário francês, autor de *O espaço literário* (Rio de Janeiro: Rocco, 1987), *Pena de morte* (Rio de Janeiro: Imago, 1991) e *El paso (no) más allá* (Barcelona: Paidós, 1994). (Nota da IHU On-Line)

2 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004. (Nota da IHU On-Line)

3 Roberto Esposito: filósofo e teórico político italiano. (Nota da IHU On-Line)

lo, no entanto, a um tipo de violência do ser e de si mesmo frente ao outro. Ante a importância concedida à “própria morte” no pensamento de Heidegger e de Lévinas, parte a pergunta da morte do outro, aquele que morre ao meu lado. Neste sentido, a importância concedida ao ético sobre o ontológico não significa que se possa dizer que o pensamento levinasiano é uma “filosofia moral” ou uma filosofia edificante. Deveríamos dizer, pelo contrário, que é uma intenção de pensar a questão da alteridade de uma maneira mais radical. Neste sentido, o outro é o que chama, e cujo chamado deve responder “tens-me aqui”, antes de toda configuração de mim próprio.

### Hospitalidade levinasiana

Como dizia, esta problemática tem sido retomada também pelo debate em torno da comunidade, e com isso me refiro àqueles autores que, mais além de uma concepção sociológica da comunidade, pensam a mesma como modo do “ser-com” (o *Mit-sein* heideggeriano). A comunidade, nesta linha de pensadores, não é a organização social do modo de “ser humano”, senão aquela que possibilita a dita organização. A noção de comunidade permite apresentar a pergunta pelo *cum* que somos, *cum* que não pode reduzir-se a um “comum” de pertencimento. Desde as idéias levinasianas acerca do outro privado de sua alteridade na obra de Heidegger (e nas filosofias do Mesmo), os autores participantes neste debate expõem o interrogante acerca de um *Cum* possível que não seja o resultado da necessidade de um sujeito ou de um indivíduo de completar-se, encontrar a outra parte de si, curar suas falhas etc. Para estes pensadores, a relação do homem deixa de ser a do “o Mesmo com o Mesmo”, interrompendo o outro como irreduzível, incalculável, imprevisível. É por isso que outra temática levinasiana, a da hospitalidade, é um conceito constantemente aludido no seio do debate, por exemplo, nas obras de Derrida e de Massimo Cacciari.<sup>4</sup>

Estes autores não pensam a comu-

4 Massimo Cacciari (1944): filósofo e político italiano, atual prefeito de Veneza. Confirma nas Notícias do Dia 05-12-2007 a notícia A encíclica de Bento XVI segundo Massimo Cacciari. (Nota da IHU On-Line)

nidade nem como propriedade nem como atributo, porque a existência humana não é pensada como “sujeito” que entra na “relação” com outros sujeitos. Nietzsche<sup>5</sup> havia se perguntado acerca da “comunidade” dos além-do-homem. Esta temática é retomada por Georges Bataille<sup>6</sup> na noção de “a comunidade dos que não têm comunidade”, expressão cara a Blanchot, Nancy e Derrida, como modo de pensar o “ser-com”, dando lugar às noções de “comunidade não atuante”, “comunidade afrontada” (Nancy), “comunidade inconfessável” (Blanchot), “comunidade anacorética dos que amam afastar-se” (Derrida). No âmbito italiano, Agamben<sup>7</sup> e Esposito apresen-

5 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da IHU On-Line)

6 Georges Bataille (1897-1962): escritor, antropólogo e filósofo francês. (Nota da IHU On-Line)

7 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Faculdade de Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do Collège International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista “Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben”, com o filósofo Jasson da Silva Martins. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito

de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. As Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicaram o artigo *O poder das palavras. Quando o juramento se rompe*. Um novo livro de G. Agamben. Para conferir o material, acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Como você faz a aproximação de Nietzsche e Lévinas, tomando em consideração que você questiona sobre a possibilidade de aproveitar o pensamento nietzschiano para pensar a “alteridade” sob uma radical diferença?**

**Monica Cragnolini -** Creio que, apesar das distâncias, Nietzsche e Lévinas podem aproximar-se em sua crítica radical ao modo de conceber ao homem nos humanismos ou nas filosofias do Mesmo. Para esta aproximação, é preciso desfazer-se da imagem nietzschiana da interpretação do final do século XIX ou começo do XX, que considerou Nietzsche como um pensador individualista. Nietzsche criticou a subjetividade moderna e os modos socioeconômicos do desenvolvimento do mesmo no mundo capitalista, e o que fez na figura do “último homem” que aparece em *Assim falou Zaratustra*, figura do homem do mercado, proprietário, que exige “tudo para mim”. Como tal, esta é uma figura da mesmidade auto-satisfeita do homem moderno. Frente a essa figura, o além-do-homem (*Übermensch*) é a figura da doação de si que não pode ser pen-

originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. As Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicaram o artigo *O poder das palavras. Quando o juramento se rompe*. Um novo livro de G. Agamben. Para conferir o material, acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

sada sem o outro. Neste sentido, eu tenho interpretado certas figuras da subjetividade na obra de Nietzsche em termos do “entre” (*Zwischen*), e assim, o caminhante (*Wanderer*), o além-do-homem (*Übermensch*), o filósofo-artista não podem ser pensados como entidades fechadas em si mesmas que “logo” entram na relação com o outro. São também modos de ser “entre”, atravessadas pela alteridade. A partir deste ponto de vista, para mim Nietzsche é um pensador da alteridade no nível do pensamento de Lévinas.

**IHU On-Line - Como as idéias desses pensadores podem basear a construção da subjetividade e, ao mesmo tempo, da autonomia em nossos tempos?**

**Monica Cragnolini** - Quando Lévinas se refere ao humanismo, se trata do humanismo “do outro homem”. Não acredito que seja possível aproximar a obra levinasiana a uma proposta humanista ou neo-humanista, que revaloriza a construção de uma subjetividade “autônoma”. Quando Lévinas expôs a assimetria do interpessoal, o conceito “pessoal” da identidade com dignidade, autonomia, se desconstrói. Também não se pode mostrar em Nietzsche a idéia de “construção de subjetividade em torno da autonomia”, já que a autonomia é uma das propriedades básicas do modo de conceber ao homem na filosofia moderna que Nietzsche critica neste aspecto.

Tanto Nietzsche como Lévinas são autores que não podem ser utilizados para pensar modos de ser do homem com “novas características”, como exigem uma desconstrução dos modos habituais de pensar o homem nos humanismos e nas filosofias do Mesmo, que esquecem ao outro. Frente à exigência da perseverança no “próprio” ser – autonomia incluída –, Lévinas resgata o chamado da Torá a prestar atenção “ao estrangeiro, à viúva e ao órfão”, quer dizer, ao *outro* homem (que é outro “modo de ser” radicalmente outro).

## A majestade do Outro

O pensamento de Lévinas é imprescindível, pois aponta para uma nova sociedade, para além do vazio niilista. O horizonte do mundo seria dado, a partir disso, pelo Próximo, pelo Outro, pela majestade que este representa

POR MÁRCIA JUNGES

“P ara um eu ético, no horizonte do mundo, só há uma majestade: O Rosto, o Próximo”, escreveu o filósofo Pergentino Pivatto, na entrevista exclusiva que concedeu

à IHU On-Line por e-mail. Em seu ponto de vista, “seu pensamento se torna imprescindível pelo fato de toda a sua obra apontar para uma nova sociedade, justa, plural e pacífica, sustentada em relações éticas corresponsáveis, conferindo sentido à altura do humano, e rompendo a barreira do vazio e da indiferença niilizante”. Pivatto examina, também, como esse sistema filosófico pode contribuir para repensar a democracia do ponto de vista do respeito às singularidades: “O essencial consiste em quebrar a indiferença e o individualismo reinantes atualmente, afirmados jurídica e filosoficamente e promovidos politicamente. A opção pela renovação de uma moral do dever individual, que pode ter seus méritos, deverá ser confrontada com a redescoberta da relação inter-humana – esta é a admiração fundante de toda a vida social. Se a trama desta relação for refletida, notar-se-á que toda construção social repousa sobre ela, que toda política, no bom sentido da palavra, é o desenvolvimento de relações sociais a ser feito com base no respeito das alteridades, com responsabilidade e altruísmo”.

Pivatto é graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, e em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde cursou pós-graduação em Educação. É mestre e doutor em Teologia, pelo Instituto Católico de Paris, e mestre e doutor em Filosofia, pela Universidade Paris IV. É um dos organizadores de *Éticas em Diálogo – Lévinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003) e organizou a obra *Ética: crise & perspectivas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004). Atualmente leciona na PUCRS.

**IHU On-Line - Qual é a atualidade da obra de Lévinas no pensamento contemporâneo?**

**Pergentino Pivatto** - Emmanuel Lévinas é um pensador original que, com sua reflexão, abre novas perspectivas e toma posições corajosas, incômodas e inusitadas sobre os principais problemas do século XX. A violência, a guerra, a morte do outro homem, a ruína dos ideais da modernidade e da sua racionalidade, a política como nova estratégia de continuar a guerra de outra forma e com outros meios, a redução da moral aos ardis egológicos tripudiando sobre a justiça, entre outros, formam um conjunto de graves questões sobre as quais projeta luzes novas, para as quais Lévinas, na qualidade de filósofo, profeta e cidadão do mundo a ser humanizado, chama a atenção e diante das quais se posiciona. Muito mais que as análises

DIVULGAÇÃO



ses sobre os problemas e suas causas, interessam os novos horizontes para os quais conduz o leitor, geralmente surpreendentes, que podem levar o ser humano a novas relações ético-sociais que culminam na justiça, no respeito, no pluralismo e na paz. Talvez, o maior desafio teórico-ético esteja na proposição da subjetividade como responsabilidade, contrastando com o espírito social aceito na tradição recente, ufana de autonomia e liberdade como fundantes da moralidade e de relações humanas emancipadas. É sumamente atual a questão colocada por Lévinas e sua análise: como enfrentar a violência sem gerar mais violência? Como reduzir a violência e, sem ser ingênuo ou imoral, combatendo-a, promover justiça, solidariedade e paz nas relações sociais?

**IHU On-Line - O que sua filosofia pode ensinar ao sujeito pós-moderno?**

**Pergentino Pivatto** - Tem-se afirmando que Lévinas é um filósofo pós-moderno. Depende de como se entende pós-modernidade. Como crítica aos ideais próprios da modernidade, da autonomia, da liberdade, da eticidade, entre outros aspectos, sem dúvida, Lévinas não é moderno. Por outro lado, brinda-se hoje aos esquemas do prazer, do ter, do valer, do aparecer, do crepúsculo do dever, do provisório e do sentimento, saúda-se como ultrapassado o ético, o comunitário, o altruísta, vendo-se nisto aspectos irrenunciáveis do pós-moderno, da era do vazio. Aos cultuadores desta visada pós-moderna, Lévinas parecerá indigesto e inatual, pois ali se manifesta o homem como animal irresponsável. Passar de animal ao humano não é magia nem questão de boas intenções, mas vocação que requer interessar-se mais pelo outro, seja quem for e de onde vier, do que por si mesmo; requer assumir com coragem e destemor a luta pela justiça social e pelo respeito por todo outro; requer descobrir a unicidade de cada ser humano e sua majestade na trama social, para além dos encadeamentos históricos e formas culturais. Lévinas é um

pensador do sentido do humano e, nesta acepção, na medida em que pós-moderno significa busca e construção de sentido, o seu pensamento se torna imprescindível pelo fato de toda a sua obra apontar para uma nova sociedade, justa, plural e pacífica, sustentada em relações éticas corresponsáveis, conferindo sentido à altura do humano, e rompendo a barreira do vazio e da indiferença nihilizante.

**“Lévinas está na base de várias reflexões que procuram repensar a ordem ética e sua inspiração bíblica e seu novo vigor ao pensamento que se inspira em textos bíblicos, mostrando sua validade e riqueza a ser explorada”**

**IHU On-Line - É correto afirmar que a idéia de Infinito levinasiano é inspirada em Descartes? Por quê?**

**Pergentino Pivatto** - Lévinas mesmo atesta que a sua elaboração da idéia de Infinito tem como fonte inspiradora a famosa *Terceira Meditação* de Descartes, embora também faça referência à idéia do bem além do ser e à idéia do verdadeiro discurso de Platão. Ele está à procura do seu próprio caminho e pensamento filosófico; acredita que precisa enfren-

tar, sobretudo, duas questões: como fazer uma filosofia centrada no outro – alteridade – sem ser acusado de fazer uma moral religiosa; em segundo lugar, contra diversos modernos e também Heidegger, mostrar que a filosofia não é necessariamente atéia e, por não ser atéia, não necessariamente precisa aceitar o sentido comum de religiosidade. Ao mesmo tempo, quer mostrar que existem na tradição filosófica ocidental tentativas racionais que não têm o direito no poder egológico, que não reduzem o Outro ao Mesmo e que não são nem atéias e nem menos filosóficas por isso. Descartes e Platão são, sem sombra alguma de dúvida, dois grandes filósofos, e Lévinas se sente bem ao lado destes mestres e neles se inspira.

**IHU On-Line - De que forma essa idéia de Infinito serve como orientação metafísica para sua ética?**

**Pergentino Pivatto** - É mister destacar que Lévinas aproveita apenas o esquema formal da idéia do infinito cartesiano, deixando de lado o conteúdo propriamente ontológico-teológico ali afirmado ou o ideal teórico que pode ser notado. Que significa ter a idéia do Infinito? Significa uma relação entre o eu e o Infinito em que o eu, ao entrar nesta relação e manter-se, nela não sucumbe por êxtase nem se desindividualiza por participação; significa ainda uma relação em que o Infinito, por entrar em relação com o finito não fica objetivado nem relativizado, mas permanece inabarcável. Mantêm-se, portanto, tanto o eu como o Infinito e a relação entre ambos. Conseqüentemente, esta relação é metafísica, ficando os relacionados separados, sem compor participação ou unidade. Lévinas chama a atenção para o que há de original nesta relação: ela se dá na ordem das idéias, na filosofia. O curioso aparece no fato de o Infinito, enquanto ideado, ultrapassar a capacidade do ideador de abrangê-lo como conteúdo. O Infinito não se desmente como Infinito e nem reduz o finito. Lévinas descobre e destaca uma intencionalidade não objetivadora, não relativizadora

nem redutora do Outro e nem anuladora do Mesmo. Tal intencionalidade que visa ao Infinito tem característica metafísica e pensa mais do que pensa.

### Novidade e audácia reflexiva

A novidade e a audácia reflexiva estão no fato de Lévinas tomar este esquema formal da idéia do Infinito, transpô-lo e aplicá-lo para o campo da relação social. A idéia do Infinito é analisada e aplicada no horizonte das relações intersubjetivas. Ele mostrou ser possível pensar filosoficamente uma relação entre o Eu (Mesmo) e o Outro (Rosto) em que o Mesmo não seja anulado, em que o Outro não seja objetivado, em que a relação seja mantida, de tal forma que subjetividade e alteridade se constituam na relação que tecem sem se fundirem e sem se alienarem. A idéia do Infinito realiza-se na relação social com o Outro. A idéia do Infinito é a relação social metafísica por excelência, a relação ética.

### IHU On-Line - Qual é a contribuição do pensamento de Lévinas para a teologia católica e cristã?

**Pergentino Pivatto** - É notório que o pensamento de Lévinas influenciou pensadores e teólogos cristãos os mais variados, em diversas partes do mundo. No início, houve reticências, pois declara a impossibilidade de uma encarnação de Deus na história e se confronta diversas vezes com o cristianismo, contestando-lhe a pretensão de herdeiro e realizador da tradição judaica. Foi convidado a participar de colóquio de intelectuais católicos franceses, onde apresentou o tema da verdade perseguida e humilhada em que percebe proximidade com o cristianismo. Na França, Itália, Alemanha, entre outros, há vários estudos teológicos inspirados em Lévinas. Alguns temas parecem mais recorrentes: Deus, criação, metafísica, sentido do humano, moral, revelação, próximo, hospitalidade, morte. Mostrou a possibilidade de fazer uma reflexão séria e valiosa a partir da inspiração bíblica, conside-

rando tais textos não menos ricos em experiência humana e sabedoria do que os escritos gregos e outros. Além disso, Lévinas está na base de várias reflexões que procuram repensar a ordem ética e sua inspiração bíblica e deu novo vigor ao pensamento que se inspira em textos bíblicos, mostrando sua validade e riqueza a ser explorada.

### “Lévinas confere novo sentido à religião: é uma relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, sem constituir totalidade, sem anular a alteridade do outro”

### IHU On-Line - E de que forma a sabedoria bíblico-judaica inspira o pensamento desse filósofo?

**Pergentino Pivatto** - Não há discordância de que a filosofia tem seus métodos e sua linguagem moldados na tradição greco-ocidental. Mas, Lévinas é um filósofo do sentido, do sentido a ser dado à caminhada humana ao longo da história. Pensa que o sentido proposto pela tradição ocidental filosófica e cristã não eleva o ser humano ao sentido de que ele é capaz. Ele se defronta com o problema das guerras, do Holocausto, das ideologias alienantes e vê que o ser humano é reduzido a nada. Como o Ocidente filosófico, religioso, emancipado, chegou a tal ponto? Vai à busca de outro caminho, recorre à inspiração bíblica que vem da tradição mosaica, pelas vias rabínica e talmúdica. Pensa que

o sentido do humano aparece na lei mosaica, na qual se urge o respeito do outro, do próximo. A originalidade do judaísmo e sua contribuição ao mundo consistem precisamente, segundo ele, no valor conferido ao ser humano a ser manifestado e realizado nos horizontes do mundo, na relação intersubjetiva, em que cada ser humano é apreciado como próximo. Este sentido não é derivado; antes, é fundador de toda ética e de toda cultura, e serve de base e de inspiração para o pluralismo e para a paz. Propor este sentido para o Ocidente e para os judeus assimilados, especialmente pela via filosófica, é intuito de toda sua produção de pensamento. Postula a tese de que o judaísmo tem uma vocação única, a de ser profeta do sentido ético e que somente a realização desta vocação oferece chances de um mundo novo e melhor.

### IHU On-Line - Qual é a relação do transcendente na obra levinasiana?

**Pergentino Pivatto** - Há pelo menos três sentidos para o termo transcendência na obra levinasiana. Começamos pelo significado usual comum entre nós. Aqui transcendente significa uma relação com aquele que está infinitamente além, invisível, inabarcável, incompreensível, embora de alguma forma intuído e até presente (na consideração de ordem religiosa). Para Lévinas, este tipo de transcendente ou transcendência não resiste a um exame rigoroso e deve ser incluído no campo da imanência transcendental. Em Lévinas, há um transcendente intitulado “absolutamente Outro”: trata-se aqui do absoluto (Deus) que jamais entra em relação direta com o ser humano, mas que se manifesta de alguma forma quer como absolutamente passado — “imemorial” —, quer obliquamente no Outro, que é o Rosto humano transcendente, quer no eu que no ato ético gratuito revela responsabilidade e bondade, e estas podem traduzir-se em testemunho ou glória que ambígua e enigmáticamente também pode significar como uma passagem do Infinito no

horizonte humano. Em Heidegger, há um aproximar-se e um afastar-se do divino, fora da eira do ser; em Lévinas, a transcendência absoluta de Deus vislumbra-se, fora da eira do ser e da teologia, sempre de forma ambígua e enigmática, na esteira da vida ética que faz com que o ser humano passe do nível animal ao nível humano no qual aparecem vestígios da passagem do Infinito e pode apontar para alguma forma de crença, nunca fora da relação ética.

### O transcendente como Rosto

Há um segundo sentido de transcendente: trata-se do Rosto. Esta transcendência acontece no horizonte do mundo e se tece nas relações inter-humanas. Para tanto, é mister que o Outro seja relacionado como Infinito e acolhido em sua alteridade irreduzível pela intencionalidade da idéia do Infinito ou como desejo. Esta relação de transcendência é verificada só se e quando o Eu, aberto e generoso, relacionar-se com o Outro de tal forma que o Outro não seja mais objetivado ou reduzido ou relativizado, mas acolhido por ele mesmo, em sua alteridade e integridade, e o eu se tornar responsável por ele.

### O transcendente ético

A segunda e a terceira formas de transcendência vão de par, sendo que na terceira, opera-se uma passagem do estágio animal para o nível humano, isto é, há uma transcendência própria do eu que consiste em transcender-se, em elevar-se, em tornar-se ético, rompendo o individualismo e a indiferença, e tornando-se responsável pelo Outro. As três formas de transcendência estão profundamente inter-relacionadas e condicionadas. A transcendência própria da religião não é vista com bons olhos pelo fato de nela se manifestar com freqüência fins interesseiros e próprios ao eu. Lévinas confere novo sentido à religião: é uma relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, sem constituir totalidade, sem anular a alteridade

do outro. O novo sentido proposto por Lévinas realiza-se no fato de o animal racional, ao acolher o Outro como alteridade, transcender-se. O transcender-se não é uma idéia ou intenção, mas um movimento próprio ao eu em que se torna, pela junção do Rosto, responsável e bom, ato pelo qual se dá também a sua justificação, redimindo de alguma forma o ser do mal.

**IHU On-Line - Quais seriam suas contribuições para um diálogo inter-religioso, que deixe o fundamentalismo de lado?**

**Pergentino Pivatto - O fundamentalismo parece enraizar-se em duas**

**“Para haver verdade, é preciso primeiro haver relação intersubjetiva respeitosa”**

atitudes básicas: uma, teórica, que reconduz e reduz tudo a uma idéia ou princípio que julga inamovível e inquestionável; outra, prática, que considera o próprio eu como pólo central a que tudo se refere. Tudo gira em torno do eu e/ou de sua idéia. A filosofia de Lévinas, tanto pela crítica feita à egolatria como pela crítica feita à teoria da consciência intencional constituinte, pode servir de referência para elaborar um novo pensamento que conduz ao pluralismo e à paz, conseqüentemente, ao diálogo intercultural e inter-religioso. Penso que, ao colocar a ética como filosofia primeira embasada na relação respeitosa tanto do eu como do outro, Lévinas tornou-se referência obrigatória para repensar os conflitos culturais, étnicos, religiosos e outros mais. Para

um eu ético, no horizonte do mundo, só há uma majestade: O Rosto, o Próximo. A relação entre o Eu e o Outro é a base sobre a qual tudo se ergue, portanto, permanece fundamento prévio a qualquer afirmação fundamentalista. Para haver verdade, é preciso primeiro haver relação intersubjetiva respeitosa.

**IHU On-Line - E no campo político, especificamente na democracia, como essa filosofia poderia auxiliar a desenvolver o respeito pelas singularidades?**

**Pergentino Pivatto - Entre as diversas teses de Lévinas, aquela que argumenta em favor da originalidade de cada ser humano, e do respeito que lhe é devido, é a que mais chama a atenção dos leitores. Várias dissertações e teses, em múltiplos campos de pesquisa, tomam o seu pensamento como referência, não só para criticar rótulos niveladores e achatadores, mas, sobretudo, para realçar a unicidade própria a cada ser humano, para além de contextos, molduras e convenções, inclusive tidos por científicos. O essencial consiste em quebrar a indiferença e o individualismo reinantes atualmente, afirmados jurídica e filosoficamente e promovidos politicamente. A opção pela renovação de uma moral do dever individual, que pode ter seus méritos, deverá ser confrontada com a redescoberta da relação inter-humana — esta é a admiração fundante de toda a vida social. Se a trama desta relação for refletida, notar-se-á que toda construção social repousa sobre ela, que toda política, no bom sentido da palavra, é o desenvolvimento de relações sociais a ser feito com base no respeito das alteridades, com responsabilidade e altruísmo. Além disso, em primeiro lugar, o respeito das singularidades deve realizar-se com aqueles que historicamente, ao longo de tempos, foram e são os excluídos, aqueles que não têm rosto social, aqueles que sempre foram colocados como massa sem rosto e sem palavra.**

## A contribuição de Lévinas à humanização da sociedade

Ao invés de tolerância, precisamos falar em solidariedade, sugere o filósofo Ricardo Timm; isso humanizaria mais a sociedade. Além disso, a Ética como pressuposto da Democracia investe de substância real esse sistema político

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** Ética é um pressuposto da Democracia. Sem Ética, a Democracia degenera em burocracia formal, ou é esvaziada de sentido humano-político. Só a Ética, como exercício político, pode investir a Democracia de substância real. Por isso, a Ética é a filosofia primeira - como dizia Lévinas - também no que diz respeito às configurações políticas democráticas.” A ponderação é do filósofo Ricardo Timm na entrevista exclusiva que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Ele propõe que o termo tolerância, cunhado pela modernidade esclarecida, seja substituído por solidariedade, o que seria mais adequado ao pensamento levinasiano. Ele próprio explica: “Quem tolera faz uma concessão ao Outro; quem solidariza, compreende que não pode ser sem o Outro”. Assim, Lévinas tem muito a ensinar no que tange à humanização da sociedade contemporânea.

Timm é graduado em Instrumentos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Estudos Sociais e Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Também cursou o mestrado em Filosofia, pela mesma universidade, e doutorado em Filosofia, pela Universität Freiburg (Albert-Ludwigs) com a tese *Wenn das Unendliche in die Welt des Subjekts und der Geschichte einfällt – Ein metaphänomenologischer Versuch über das ethische Unendliche bei Emmanuel Lévinas*. Escreveu inúmeros livros, entre eles, *Sujeito, Ética e História – Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999), *A condição humana no pensamento filosófico contemporâneo* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Em torno à diferença – Aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007). É também um dos organizadores de *Alteridade e Ética – Obra comemorativa dos 100 anos do nascimento de Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008).

**IHU On-Line - Podemos dizer que Lévinas funda uma filosofia do diálogo? Por quê? Que características teria essa filosofia?**

**Ricardo Timm** - Em certo sentido, Lévinas pode ser compreendido como um pensador afiliado às chamadas “Filosofias do Diálogo”. Estas escolas, das quais Martin Buber é um dos autores mais conhecidos, se caracteriza por estabelecer, como condição básica do próprio filosofar, a centralidade da interlocução, ou seja, a filosofia não pode ser concebida a partir de uma relação lógica “sujeito pensante-objeto do pensamento”, pois há sempre a pre-

sença de um Outro que permite apenas um *encontro* filosófico, e nunca uma objetificação do pensado.

**IHU On-Line - Em que aspectos esse diálogo pode contribuir para o desenvolvimento da tolerância em nossa sociedade contemporânea?**

**Ricardo Timm** - “Tolerância” é um termo da modernidade esclarecida, que deveria, hoje, no mundo contemporâneo, ser substituído pelo termo “solidariedade”. Quem tolera faz uma concessão ao Outro; quem solidariza, compreende que não pode ser sem o Outro. Por isso, proponho a substituição

do termo “tolerância” por “solidariedade”, sempre que se estiver fazendo referência a uma humanização da sociedade contemporânea. E, neste sentido preciso, Lévinas tem muito a ensinar.

**IHU On-Line - Quais são as relações mais importantes que esse filósofo traçou entre alteridade e ética?**

**Ricardo Timm** - Para Lévinas, a Ética – e, por extensão, a Filosofia como tal – não pode ser pensada sem a Alteridade, pois é de nossa relação com a Alteridade que todas as condições para o pensamento filosófico se efetivam. Para pensarmos, filosoficamente ou não, é

necessário existirmos; e só existimos se houvermos sido eticamente tratados ao longo de nossa vida, ou seja, por óbvio, que não tenhamos sido assassinados. E “eticamente tratados” envolve necessariamente a multiplicidade e a Alteridade.

**IHU On-Line - Em que consiste a busca metafenomenológica do infinito ético em Lévinas?**

**Ricardo Timm** - Em levar a fenomenologia ao extremo de suas possibilidades, abrindo assim um novo campo de encontro com a realidade, no qual esta não é mais correlata da intencionalidade intelectual ou existencial, como na fenomenologia, mas interlocutora de e sobre o *sentido* do encontro com ela estabelecido — um encontro entre o Mesmo e o Outro.

**IHU On-Line - Lévinas dizia que Rosenzweig era um filósofo muito presente em sua obra para ser citado. Quais são as idéias principais desse autor que aparecem no corpus levinasiano?**

**Ricardo Timm** - Especialmente a idéia de que a realidade, em sua origem, é *múltipla*, e que, portanto, toda redução do múltiplo ao uno, do Outro ao Mesmo, é uma forma de exercício de violência.

**IHU On-Line - E no campo político, especificamente na democracia, como essa filosofia poderia auxiliar a desenvolver o respeito pelas singularidades?**

**Ricardo Timm** - A Ética é um pressuposto da Democracia. Sem Ética, a Democracia degenera em burocracia formal, ou é esvaziada de sentido humano-político. Só a Ética, como *exercício político*, pode investir a Democracia de substância real. Por isso, a Ética é a filosofia primeira — como dizia Lévinas — também no que diz respeito às configurações políticas democráticas.

#### LEIA MAIS...

Ricardo Timm de Souza já concedeu outras entrevistas à revista IHU On-Line. O material pode ser acessado através do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) “Os desafios de uma nova ética”. Edição nº 264, de 30-06-2008; *A Filosofia mudou depois de Auschwitz*. Edição nº 265, de 21-07-2008.

## Uma resposta a Husserl, Heidegger e Buber

Rafael Haddock-Lobo examina as influências dos três pensadores nas idéias de Lévinas e como este responde às suas filosofias

POR MÁRCIA JUNGES

**A**o mesmo tempo em que animam o pensamento levinasiano, as filosofias de Husserl e Heidegger são ultrapassadas pelo pensador lituano. De acordo com o filósofo brasileiro Rafael Haddock-Lobo, na entrevista exclusiva que concedeu por e-mail à IHU On-Line, a ruptura com os mestres não é tão simples quanto pode parecer. Lévinas está marcado em seus objetos e método por suas idéias. “Lévinas, ao longo de toda a sua obra, em certa medida esteve respondendo a Heidegger”. Martin Buber também exerceu grande influência sobre o corpus levinasiano: assumidamente leitor de Buber, Lévinas “parte dessa ontologia relacional rumo ao seu pensamento ético, onde não haveria mais lugar para a simetria e onde o eu, a consciência ou o sujeito passam a ser assimetricamente responsáveis pelo outro. E é essa ruptura com a simetria do diálogo que vai ser um dos pontos mais significativos da ética levinasiana: se, para Lévinas, Buber teria privilegiado o ‘eros’, ou seja, o amor entre duas pessoas, o que a ética deveria comportar é justamente a entrada do terceiro da relação: o filho, o próximo, o vizinho, e não mais apenas o ser amado, pois apenas a vinda do terceiro abre as portas para a justiça”.

Haddock-Lobo é graduado em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e em Letras pela Universidade Salgado de Oliveira. Curso mestrado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com a dissertação *Da existência ao infinito: a redução ética no pensamento de Emmanuel Lévinas* (Rio de Janeiro/São Paulo: Editora PUC-Rio/Editora Loyola, 2006). No doutorado, também pela PUC-Rio, elaborou a tese *Por um pensamento úmido — A Filosofia a partir de Jacques Derrida*. É pós-doutor em Filosofia, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor da Universidade de São Paulo (USP), da Casa do Saber e da PUC-Rio. É também autor de *Derrida e o labirinto de inscrições* (Porto Alegre: EdiPUCRS, 2007).

DIVULGAÇÃO



**IHU On-Line - Por que Lévinas chega à conclusão de que a Ética é a filosofia primeira, e não a Ontologia?**

**Rafael Haddock-Lobo** - Uma questão muito antiga, que remonta a Aristóteles,<sup>1</sup> tenta pensar qual a filosofia primeira, ou seja, qual o saber fundamental entre todos os saberes. Para Aristóteles, seria a metafísica, para Husserl a fenomenologia, para Heidegger a ontologia. E é nesse contexto que Lévinas vem afirmar que o “impensado” até então, ou seja, aquilo sobre o que a filosofia não se debruçou dignamente, teria sido o outro. É nesse sentido que a ética levinasiana nada mais é, em seus termos, que a “relação com o outro”, e é isso que a filosofia deveria pensar primeiramente.

**IHU On-Line - Em que sentido o primado do Ser desde a filosofia grega é substituído pela filosofia do Outro, que dá espaço à alteridade?**

**Rafael Haddock-Lobo** - Heidegger apontou como este “impensado” o Ser, ou seja, aquilo que faz com que todo ente seja o que ele é, o seu modo de ser. Por exemplo, se quando ouvimos falar que “o céu é azul”, sabemos muito bem o que é “céu” e o que é “azul”, mas este verbo ser ainda não teria sido devidamente pensado pela filosofia. Para Lévinas, esta radicalidade de pensamento de Heidegger afasta sua filosofia de todo ente, ou seja, de todo existente, em nome da existência, vazia e abstrata, do verbo ser. Nesse sentido, Heidegger seria o ponto mais alto da História da Filosofia. E é contra essa tradição que Lévinas quer mudar o eixo do pensamento rumo à ética, ou seja, ao existente.

**IHU On-Line - O que é a redução ética em Lévinas?**

**Rafael Haddock-Lobo** - Husserl, ao

1 Aristóteles de Estagira (384 a.C.-322 a.C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se os campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

inaugurar a sua Fenomenologia, buscava um retorno às coisas mesmas, ou seja, através de seu método, a *epoché* ou redução, ter acesso ao fenômeno. Heidegger, em muitos aspectos, seguidor de Husserl, teria tentado fazer o pensamento voltar-se ao Ser, o que poderia ser caracterizado como uma “redução ontológica”. Foi nesse sentido que, em “Da existência ao existente: ensaios sobre Emmanuel Lévinas”, procurei caracterizar o pensamento levinasiano como uma espécie de “redução ética”, ou seja, com uma atitude fenomenológica que busca empreender um pensamento do outro.

## “Lévinas, ao longo de toda a sua obra, em certa medida esteve respondendo a Heidegger”

**IHU On-Line - Qual é o papel que Lévinas confere às mulheres na ética?**

**Rafael Haddock-Lobo** - Uma das grandes questões de Lévinas diz respeito à sua crítica à pretensa neutralidade do pensamento racional: filosófico e científico. Para ilustrar sua denúncia, ele toma a própria racionalidade alemã de sua época, a da filosofia e da ciência, e mostra como a razão pôde em diversos momentos ser conivente com o mal. Isso o surpreende e o faz questionar essa neutralidade. Não seria então ela certo disfarce do que, há séculos, vem se declarando neutro? O Homem, o sujeito, a consciência, o eu? Nesse sentido, o neutro nada mais é que o travestimento do masculino, do discurso dominante da história do pensamento. Então, apenas um pensamento que se deixe contaminar pelo feminino poderá, ao invés de ontologia, tornar-se ética e acolhimento. A figura da mulher, então, passa a ter um papel fundamental em seu pensamento, tornando-se a metáfora mesma do acolhimento do outro, necessário para

que o terceiro chegue e, com isso, se alcance a justiça.

**IHU On-Line - Qual é a influência de Dostoiévski e Proust<sup>2</sup> em seu pensamento? Quais são as convergências de seus modos de pensar o homem e sua relação com o semelhante?**

**Rafael Haddock-Lobo** - Você traz aqui dois momentos diferentes na formação do pensamento de Lévinas, mas ambos marcantes. Em diversos momentos, ele diz que em sua infância e juventude, os escritores russos teriam marcado sua história. De Dostoiévski, especificamente, mas também Tolstói,<sup>3</sup> Lévinas vai herdar os aspectos mais trágicos de seu pensamento. Lembro aqui da paráfrase de *Os irmãos Karamázov*<sup>4</sup> que Lévinas faz em *Humanismo do outro homem*. Se o escritor russo dizia que todos somos culpados, e eu mais que todos, Lévinas vai dizer que todos somos responsáveis, e eu mais que todos.

Já Proust entra na vida de Lévinas no momento em que ele, aluno em Strasbourg, conhece seu grande amigo Maurice Blanchot. Blanchot o introduz na filosofia e na literatura francesa e, com isso, Bergson e Proust tornam-se pensadores que futuramente seriam decisivos para seu enfrentamento da ontologia: sobretudo no que diz respeito à sua relação com o tempo que, para Lévinas, não mais pode ser pensado como o tempo cronológico, objetivo, nem mais como o subjetivo. E

2 Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922): escritor francês. (Nota da IHU On-Line)

3 Liev Tolstói (1928-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país. Teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista e, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são *Guerra e paz*, de 1865, onde ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e *Anna Karenina*, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e um proprietário de terras (reflexo do próprio Tolstói), que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da IHU On-Line)

4 *Os irmãos Karamázov* (1879): uma das mais importantes obras das literaturas russas e mundiais, ou, conforme afirmou Freud: “a maior obra da história”. Escrita por Dostoiévski, toma como núcleo o niilismo e o ateísmo. A narrativa não só conversa com o leitor, mas é onipresente e também indica ou infere os pensamentos dos incontáveis personagens. (Nota da IHU On-Line)

**“Lévinas parece herdar toda uma trilha heideggeriana em sua crítica à modernidade, mas pretende ultrapassá-lo no sentido de que ele ainda estaria inserido nesse mesmo pensamento do Todo, que aqui seria um sinônimo do Ser”**

nem como o neutro da ontologia, o da minha finitude, da minha mortalidade. O tempo é o tempo do outro.

**IHU On-Line - Como Husserl e Heidegger influenciam Lévinas? E o pensador lituano quer dizer quando chama a atenção para a periculosidade do pensamento heideggeriano?**

**Rafael Haddock-Lobo** - Como disse acima, Husserl e Heidegger serão decisivos para Lévinas amadurecer sua fenomenologia. Ou seja, o modo como ele pretende trazer a alteridade para o pensamento. Isso começa em seus estudos sobre a teoria da intuição em Husserl, em seus tempos de Freiburg. Mas, desde lá, ele já afirma ter sido marcado por um professor muito cativante, chamado Heidegger. E é justamente por essa proximidade de Heidegger que Lévinas vai buscar, após o ano de 1933, mostrar a periculosidade de seu pensamento (e não do ser humano Heidegger). De como, como se viu, um pensamento de um grande filósofo pode, ainda que brevemente, estar associado ao mal. E isso, diz Lévinas, é um traço marcante de todo o pensamento (como no caso do ocidente) que se dedica à Totalidade.

**IHU On-Line - Ainda que horrorizado pela filiação de Heidegger ao nacional-socialismo, Levinás menciona Sein und zeit como imprescritível. Como se dá a aproximação entre o fim da metafísica em Heidegger e o primado da alteridade em Lévinas? Podemos dizer que Heidegger seria a inspiração para a idéia de Outro em Lévinas?**

**Rafael Haddock-Lobo** - A relação com Heidegger, como se pode ver, é muito

complicada: poderia arriscar aqui dizer que é ela que anima o pensamento levinasiano, tanto em suas heranças como em suas críticas. Lévinas parece herdar toda uma trilha heideggeriana em sua crítica à modernidade, mas pretende ultrapassá-lo no sentido de que ele ainda estaria inserido nesse mesmo pensamento do Todo, que aqui seria um sinônimo do Ser. Então, o outro, para ele, deveria ser a ruptura radical com esse primado do Mesmo rumo a uma outra forma de pensar.

**IHU On-Line - Em que aspectos o discípulo supera e rompe com seus mestres? E por que o corpus levinasiano é uma resposta à filosofia de Heidegger?**

**Rafael Haddock-Lobo** - Essa ruptura, ainda que Lévinas a quisesse radical, nunca é tão simples assim. É claro que Lévinas estará marcado, não só quanto aos seus objetos, mas também quanto ao seu método, pelos mestres Husserl e Heidegger. Então essa ruptura se dá na herança - como toda ruptura. Nesse sentido, a palavra “resposta” é bem mais adequada. Lévinas, ao longo de toda a sua obra, em certa medida esteve respondendo a Heidegger. Seria, então, talvez sua grande motivação: o melhor e o pior do pensamento ocidental, seu ponto mais alto e mais baixo ao mesmo tempo.

**IHU On-Line - Que relações você estabeleceria entre Lévinas com Buber<sup>5</sup> e Derrida?**

<sup>5</sup> Martin Buber (1878-1965): filósofo austríaco. De origem judaica, foi o primeiro professor de uma cátedra de Judaísmo na Universidade de Frankfurt. Com a ascensão do nazismo, abandonou a cátedra e mudou-se para Jerusalém, onde passou a lecionar como professor da Universidade Hebraica. A obra de Buber cen-

**Rafael Haddock-Lobo** - Essa pergunta é muito interessante, pois acabo de escrever um artigo sobre esses três autores, chamado “Percurso do outro: ontologia, ética e desconstrução” e que será publicado ainda este ano na coletânea *Espectros de Derrida*, organizada por Paulo Cesar Duque-Estrada.<sup>6</sup> Nesse artigo, eu parto do princípio de que um dos aspectos mais correntes das chamadas “éticas” de nosso tempo certamente tem sido a tematização da alteridade e a conseqüente preocupação com as “diferenças”. Entretanto, muito pouco tem sido feito para que, efetivamente, se abandone o substrato ontológico sobre o qual repousa a filosofia, a fim de que se pense a diferença em sua “diferencialidade mesma”, ou seja, a fim de que se pense o Outro como Outro, e não mais como uma sinonímia do Mesmo.

Assim, o que procuro aí desenvolver consiste no apontamento de um outro caminho, trilhado de modo não linear por Buber, Lévinas e Derrida. Inspirado pela obra *Questões persistentes* (Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003), de Luiz Bicca<sup>7</sup>, na qual o filósofo brasileiro afirma que Jacques Derrida seria herdeiro de uma certa “linhagem filosófica” que teria sido inaugurada por Buber e Lévinas, procurei percorrer a indicação destas trilhas.

Brevemente, diria que Buber, ainda preocupado com uma ontologia da relação, elege o diálogo como a autêntica substância relacional. Com isso, de modo único, ele começa a pensar a importância da simetria na relação entre eu e outro, visto que, na tradição filosófica, o privilégio sempre fora concedido ao eu, ao sujeito, à consciência etc. E, nesse intuito, Buber

tra-se na afirmação das relações interpessoais e comunitárias da condição humana. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Paulo Cesar Duque Estrada: doutor em Filosofia pela Boston College, Estados Unidos, e pós-doutor pela New School for Social Research, Estados Unidos. Atualmente, é professor-assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), consultor do Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro e Membro de corpo editorial do O Que nos Faz Pensar. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Luiz Eduardo de Oliveira Bicca: doutor em Filosofia pela Universität Tübingen, Alemanha, e possui pós-doutorado em Filosofia na PUC-RJ. Atualmente é professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É, ainda, pesquisador visitante na PUC-Rio. (nota da IHU On-Line)

escreve uma das obras mais belas da filosofia: *Eu e Tu*.

### Lévinas leitor de Buber

Lévinas, assumidamente leitor de Buber, parte dessa ontologia relacional rumo ao seu pensamento ético, onde não haveria mais lugar para a simetria e onde o eu, a consciência ou o sujeito passam a ser assimetricamente responsáveis pelo outro. É essa ruptura com a simetria do diálogo que vai ser um dos pontos mais significativos da ética levinasiana: se, para Lévinas, Buber teria privilegiado o “eros”, ou seja, o amor entre duas pessoas, o que a ética deveria comportar é justamente a entrada do terceiro da relação: o filho, o próximo, o vizinho, e não mais apenas o ser amado, pois apenas a vinda do terceiro abre as portas para a justiça.

Derrida, então, herdeiro de ambos, tem já como pressuposto de sua desconstrução esta assimetria levinasiana. No entanto, seu gesto consiste em radicalizar a experiência levinasiana, levá-la a seus limites. Com isso, a relação com a alteridade no pensamento derridiano passa a dizer respeito a qualquer outro: outro ser humano, os animais, livros, pensamentos etc. Ou seja, a qualquer outro que se apresente a mim.

Mas é bom sublinhar que isso que pode parecer uma superação entre esses três autores não se dá segundo nenhuma dialética. Não é um processo em que haja uma evolução nem algum tipo de progresso. Seria mais, meu ver, um crescente alargamento de horizontes ou de perspectivas. O que torna ainda muito necessária a leitura de Buber e Lévinas. O que está em jogo nesses três pensadores é uma experiência radical e absolutamente nova da alteridade.

#### LEIA MAIS...

Rafael Haddock-Lobo já concedeu outras entrevistas à revista IHU On-Line. O material pode ser acessado através do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu))

\* *A desconstrução em Heidegger, Lévinas e Derrida*. Edição nº 187, de 03-07-2006;

\* *Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, em 31-08-2007.

## Lévinas e Derrida: pensamentos da alteridade “ab-soluta”

Proximidades e diferenças entre a obra dos dois filósofos, cujo “rastros incandescentes de seus pensamentos” continua atual, são analisadas por Fernanda Bernardo, da Universidade de Coimbra

POR MÁRCIA JUNGES

**N**a entrevista exclusiva a seguir, concedida por e-mail pela filósofa portuguesa Fernanda Bernardo, docente na Universidade de Coimbra, são discutidas as proximidades e diferenças entre o pensamento de Lévinas e Derrida. Uma das diferenças é que o pensamento derridiano “irrompeu logo inteiro”. Assim, não se pode falar de uma evolução, ou de um primeiro e segundo Derrida. Por outro lado, um dos traços que une ambas as filosofias é sua hiper-radicalidade, comenta a estudiosa: “Tanto a meta-ética levinasiana como a desconstrução derridiana são, de fato, pensamentos da alteridade ab-soluta: pensamentos ditados, inspirados, magnetizados e afetados pelo ‘absolutamente outro’”. Fernanda Bernardo é organizadora de *Derrida à Coimbra – Derrida em Coimbra* (Viseu: Palimage, 2005).

### IHU On-Line - Como Lévinas influencia Derrida em sua filosofia da desconstrução?

**Fernanda Bernardo** - Pergunta imensa que pressupõe ou solicita um trabalho de investigação e de reflexão que, no essencial, está ainda por fazer e se apresenta como uma inadiável e formidável tarefa para o “futuro” - para o “futuro” e para o “futuro” da própria filosofia onde hoje reina um pesado silêncio...

Mas, em relação a estes dois nomes maiores da contemporaneidade filosófica, eu não falaria de “influência” - antes de *singular* herança (no sentido em que Derrida no-la dá a pensar, em *Espectros de Marx*, (1993) nomeadamente) e de proximidade eletiva. Ambos os filósofos falam, aliás, do seu encontro filosófico como tendo sido da ordem do “prazer de um contato no coração de um quiasma”: um “contato tangencial” (passe a manifesta tautologia) entre dois idiomas ou entre duas grandes singularidades filosóficas que abre, no entanto, para um sem número de diferenças.

Antes, porém, de muito, de demasiado sucintamente tentar salientar e a proximidade e os diferendos deste “contato tangencial”, não deixarei de referir também ainda aqui que o próprio Derrida (em D. Janicaud, *Heidegger en France I*, p. 106) elege Heidegger, Lévinas e Blanchot como os *seus* próximos eleitos. Próximos com os quais não cessou nunca de “dialogar” - e próximos (ainda assim, e como ele mesmo o disse, *mais outros do que todo e qualquer outro*), cuja admirável grandeza (de pensamento, de obra e de escrita), no meu entender, ele excede, excedendo em ousadia, em radicalidade, em finura, em inventividade e em justiça o rastro incandescente dos seus pensamentos.

O que é dizer que, abraçando o gesto daqueles próximos-eleitos no árduo exercício da sua “fidelidade a mais de um”, Derrida nos dá *de novo e*

*diferentemente* a repensar o “todo” da nossa ocidentalidade filosófico-cultural, na miríade das suas manifestações (religiosas, filosóficas, poético-literárias, éticas, políticas, jurídicas...), para além mesmo da sua memória judaico-greco-européia, detectando nesse “todo” o indesejável e profético-messiânico segredo da *différance*. Não sem justiça e sem pertinência, de Derrida se poderá igualmente também dizer que o seu pensamento, dito “desconstrução”, abalou a “paisagem sem paisagem do pensamento” desde que no mundo há pensamento e pensamentos do mundo: o próprio Lévinas soube, aliás, reconhecer, já no início da década de 70 - quer dizer, quando se contavam ainda pelos dedos de uma só mão as obras editadas de Derrida -, que, com ele, com Jacques Derrida, tudo era “tout autrement” (cf. Lévinas, *Nom Propres*).

#### Proximidade pela hiper-radicalidade

Dito isto, eu diria que a extraordinária proximidade (de pensamento) entre Derrida e Lévinas se marca precisamente ao nível da hiper-radicalidade ou da extra-vagância do seu pensamento e daquilo que os apelou e/ou lhes deu a pensar: a saber, o outro, o absolutamente outro (*tout autre*). Tanto a meta-ética levinasiana como a desconstrução derridiana são, de fato, pensamentos da alteridade *ab-soluta*: pensamentos ditados, inspirados, magnetizados e afetados pelo “absolutamente outro” (o “separado” ou “santo”, dirá Lévinas na tradição do *kaddoch* hebraico).

Uma hiper-radicalidade que ambos os filósofos, notemo-lo também de passagem, herdamos *singularmente* da fenomenologia husserliana - mais precisamente, da *épokê* husserliana. Uma *épokê* (redução) agora ocupada, já não, como acontecia em Husserl, com o delineamento da redução fenomenológico-transcendental e com os olhos postos na descoberta da apodicticidade do “ego” *constituente* aquém do mundo e aquém do ser; mas uma *épokê* agora exercitada naquilo que Emmanuel Lévinas designará de *redução inter-subjectiva*, a qual, para além de testemunhar o quanto a singular

primazia do “outro” chega demasiado tarde à fenomenologia husserliana - assim desvelando o seu registro autônomo ou egológico-egocrático -, dá também conta do fato de a sua inevitável chegada ditar pura e simplesmente a impossibilidade da própria fenomenologia transcendental (cf. Lyotard e Alliez). Com efeito, o outro, que não

**“Diria que a  
extraordinária  
proximidade (de  
pensamento) entre  
Derrida e Lévinas se  
marca precisamente  
ao nível da  
hiper-radicalidade ou  
da extra-vagância do  
seu pensamento e  
daquilo que os apelou  
e/ou lhes deu a  
pensar: a saber, o  
outro, o  
absolutamente outro  
(*tout autre*)”**

por acaso Husserl designará de alter-ego, vem perturbar e impossibilitar o exercício do princípio dos princípios (a intuição) sobre o qual a fenomenologia transcendental se alicerça.

#### Fidelidade e resistência

No entanto, esta extra-ordinária proximidade de pensamento e quanto ao que os apelou e/ou lhes deu a pensar será também aquilo a partir

do qual e *em nome* do qual Lévinas e Derrida se separam. O que é dizer que esta singular proximidade de pensamento compreende (e singular proximidade porque é uma proximidade na diferença ou na separação, de acordo, aliás, com o sentido do filosofema “proximidade” em ambos os filósofos), da parte de Derrida, e a fidelidade e o diferendo. E a fidelidade e a resistência. A resistência e o diferendo na própria proximidade - apesar da proximidade e em nome da proximidade. Um diferendo ditado mesmo pela extraordinária fidelidade, na extraordinária fidelidade e *em nome* da extraordinária fidelidade ao pensamento audacioso do “absolutamente outro” de Lévinas que, no dizer confesso de Derrida, *o terá incondicionalmente obrigado* (cf. “En ce moment même dans cette ouvrage me voici” in *Psyché*). Para vislumbrar e compreender neste diferendo a fidelidade da proximidade de Derrida a Lévinas, pense-se apenas no que, na sua obra, Lévinas diz da “Obra”; a saber, da relação ou do movimento para o outro [a própria “ética” ou a “justiça” para Lévinas - de que “Obra” é um outro nome] *que não retorna mais ao “eu-mesmo”* e que, enquanto tal, exige uma infidelidade absoluta do outro - que, justamente, assim se queda outro, “separado” ou “santo”, na terminologia reinventada de Lévinas.

A fim de muito sumariamente tentar agora explicitar esta proximidade de pensamento entre Derrida e Lévinas, lembremos muito sucintamente que, pensamento da *différance*, da vez, do evento ou da singularidade, Derrida também “define” a desconstrução [nomeadamente em “*Psyché. Invention de l’autre*” (in *Psyché. Inventions de l’autre*, p. 26-27)], como um pensamento ou como uma certa experiência do impossível: isto é, explicitará Derrida, do “outro”, do “absolutamente outro” (*tout autre*), da invenção ou do porvir.

E lembrarei também ainda que todos os “incondicionais” ou “impossíveis” da desconstrução derridiana [a saber, o pensamento (que Derrida faz questão de singularmente distinguir de filosofia), o dom, a justiça, a tradução, o amor, a amizade, a demo-

cracia por vir, a decisão, a resposta, a responsabilidade, o testemunho, a hospitalidade, o perdão, o poema, a morte, a literatura...] traduzem e testemunham a hiper-radicalidade deste *pensamento do impossível* (um pensamento que tem implícito, notemo-lo também, um repensar da tradição do possível (*dynamis, potentia, possibilitas*) de Aristóteles a Heidegger, inclusive) e, na radicalidade da sua impossibilidade, encontram as irrespiráveis paragens da meta-ética levinasiana: dando assim conta do Dever absoluto *diante* do outro e *para com* o outro que magnetiza a hipérbole e a aporia do “pas au-delà” da desconstrução derridiana. Inversamente, este mesmo registro da incondicionalidade *ou* da impossibilidade não deixa também de salientar o registro hiper-ético da própria desconstrução (um registro marcado pelo recorrente e indecível “*il faut*”) desde o primeiro passo do seu ousado, insistente e todavia vacilante “pas au-delà”, assim atestando a inexistência de qualquer “viragem” ética ou política no pensamento e na obra de Derrida. Dele se poderá dizer (e é também uma diferença em relação a Lévinas!) que o seu pensamento irrompeu logo inteiro - com efeito, dele não se poderá dizer que teve uma evolução, que se foi precisando no decurso do tempo e da obra, como acontece com o pensamento de Lévinas. O que não pode deixar de surpreender... Com efeito, não há um primeiro e um segundo Derrida!

### Declaração de impossibilidade

Esta proximidade de pensamento entre Derrida e Lévinas testemunha-se também ainda a dois níveis: por um lado, Derrida confessar-se-á capaz de subscrever tudo quanto Lévinas disse a respeito da sua “ética”: em *Altérités*, (1986), nomeadamente, o filósofo admitirá que, “diante de um pensamento como o de Lévinas nunca tem qualquer objeção”.

Por outro lado, e do lado da “ética” levinasiana, Derrida (Derrida que define a desconstrução como um pensamento do impossível) declarará também que ela é impossível - que ela só é, de fato, possível como impossível.

E isto, não só para a subtrair ao empirismo e ao hegelianismo, como paradoxalmente para, na pureza da sua incondicionalidade, ela não cair no risco da violência do egotismo narcisista, incapaz de discernir o bem do mal, o amor do ódio, a hospitalidade incondicional do fechamento egoísta (cf. Derrida, “Le mot d’accueil”, p. 66).

Uma declaração de impossibilidade que, em vez de lhe decretar o dobre a finados, salientará antes o seu caráter irremediavelmente contraditório - caráter que lhe afinará a *ênfase* do seu hiperbolismo e da sua exigência, e a distanciará não só do gesto hegeliano, como de todo e qualquer moralismo, o qual, como o próprio Lévinas sublinhou, “tem má reputação”. E uma declaração que a distanciará também ainda de um “levinasianismo” fácil e encantatório na litania da sua pregação do outro: da “abertura ao outro”, do respeito e da responsabilidade fáceis pelo outro... Fáceis, isto é, ideológicas.

Notemos também que esta proximidade de pensamento se revela mesmo numa inaudita proximidade lexical: com efeito, na sua comum desconstrução do registro *determinantemente* ontológico da filosofia ocidental, ambos os filósofos recorrem, no decurso dos anos 60, ao quase-conceito de “trace” (“rastro”). Um recurso que, atestando embora a proximidade de pensamento entre os dois filósofos, atestará já também o muito que os separará na sua proximidade (uma proximidade enquanto pensamentos da alteridade e, enquanto tal, de desconstrutores da ontologia): é que, em Derrida, “trace” vai muito para além do registro ainda antropocêntrico que ele não deixa ainda de ter no seio do pensamento de Lévinas. Com efeito, na sua desconstrução do “próprio” do homem e da axiomática metafísica da filosofia ocidental, “trace” concerne diferencialmente em Derrida todos os viventes e todas as relações do vivente ao não vivente - e não apenas, como acontece em Lévinas, as relações humanas, somente humanas no rastro da transcendência.

### Limites e insuficiências da ética levinasiana

E muito sumariamente referida à *proximidade de pensamento* entre Derrida e Lévinas, salientemos muito sumariamente também agora os diferendos que nesta proximidade se manifestam: diferendos que não deixam de marcar os limites e as insuficiências da “ética” de Lévinas, sem dúvida uma das mais ousadas, exigentes e justas da nossa contemporaneidade. Diferendos que não deixarão também de revelar que, na loucura da sua hiper-radicalidade, a desconstrução derridiana vai ainda mais longe na sua vigília e na sua fome de “ética”, de “justiça”, de “responsabilidade” e de “desejo de invenção” do que a ética levinasiana, a quem marcará inauditos e surpreendentes limites: limites que, pelo essencial, revelarão o “carno-falogocentrismo” do “humanismo” profundo da “ética” levinasiana - uma ética assumidamente sacrificial.

Diferendos que, no essencial, provêm da resposta dada à questão: como *bem pensar* o outro e *quem* é “outro”? Quem é o “absolutamente outro” da ética levinasiana? *Quem* é o “absolutamente outro” que dita e locomove o pensamento destes dois filósofos? Questões que, para além de sublinharem o caráter *ab-soluto* do “outro”, põem também em cena a difícil questão do “terceiro” (*terstis, testis*), *outro do outro e outro outro*. Questões a que, é sabido, Lévinas responderá: “o outro homem”. O “absolutamente outro” é “o outro homem”: a saber, o *outro* como *humano* e o *humano* como *homem*. Derrida, por sua vez, responderá, assim respondendo à radicalidade do pensamento da alteridade de Lévinas, que complexifica, ditando-lhe a *im-possibilidade*, isto é, o seu irremediável registro contraditório: “*Tout autre est tout autre*” “Absolutamente outro é absolutamente (todo e qualquer) outro”.

### Uma “pedrada” à ética levinasiana

“*Tout autre est tout autre*” é, de fato, a “pedrada” que o próprio Derrida diz ter atirado à ética levinasiana a quem, a par da inestimável grandeza, elevação e dificuldade, lembra a impossibilidade da sua pureza, assim problematizando, em primeiro lugar,

o modo como Lévinas deseja pensar a transcendência ou a exterioridade - a saber, de todo não contaminada pelo ser ou pela imanência. O sintagma que lança esta “pedrada”, para além de concentrar, em toda a sua amplitude e aporeticidade, a “melancolia” do idioma derridiano (cf. Derrida, *Carneiros*), não deixa também de nos lembrar a sua intraduzibilidade - uma intraduzibilidade que metaforiza a do idioma ou a da própria alteridade ou singularidade absolutas -, e que nós “mal” traduzimos por “*absolutamente outro é absolutamente (todo e qualquer) outro*”, a fim de tentarmos deixar quase ouvir a homonímia que, para além da tautologia, abre esta fórmula ao enunciado da heterologia mais irredutível lembrando-a à sua impossibilidade - que o mesmo é dizer, lembrando o pensamento do “absolutamente outro” à inevitabilidade da contradição, da contaminação, da aporia ou do perjúrio quase-transcendental (cf. «Le mot d'accueil»). E, *ipso facto*, lembrando a “ética” ou a “justiça” (“a justiça para além da justiça”, precisemos, em razão do duplo sentido da “justiça” que atravessa o pensamento e a obra levinasianos) à inevitável injustiça da sua justiça. Nunca um justo é pacífica e suficientemente justo... A tranquilidade da boa consciência do dever cumprido não está nunca ao seu alcance.

### Um ateísmo que se lembra de Deus

Para além de também significar o singular ateologismo da desconstrução derridiana ou (num sintomático dizer do filósofo que o aproxima do léxico e do pensamento levinasiano desejoso de pensar um *Deus sem o ser*, isto é, “transcendente até à ausência”) o seu “ateísmo que se lembra de Deus” (um “ateísmo” que, note-se, é a condição para um muito exigente repensar da fé - de uma fé sem dogma nem religião - e, *ipso facto*, para um muito sério repensar, tanto da dita guerra das religiões, como do diálogo inter-religioso), este sintagma “*Tout autre est tout autre*” pretende lembrar a Lévinas que, na sua unicidade de eleito, o “absolutamente outro” é “absolutamente todo e qualquer outro”: não importa

o *quê* ou *quem* (*quiconque, n'importe qui*, enfatizará Derrida, radicalizando a responsabilidade do pensamento *diante de tudo e de todos*), e não apenas o “outro homem” na sua condição de próximo, de semelhante ou de irmão. Um lembrar que revela o lugar do diferendo entre Derrida e Lévinas. Mas, e insistimos, o lugar do diferendo a partir da proximidade e da fidelidade de Derrida ao pensamento de Lévinas. Isto é, a partir da sua comum paixão pelo “absolutamente outro”, que é, para ambos, aquilo que apela o pensamento a pensar.

Um diferendo introduzido com a difícil questão do terceiro (*terstis, testis*) [ao mesmo tempo prévio e posterior ao face-a-face ético] que se marca e se revela através de um sem número de diferenças entre os dois filósofos. Diferenças de entre as quais, num modo necessariamente telegráfico, lembrarei aqui as seguintes:

**1ª A questão da estratégia e da economia discursivas de Lévinas:** uma questão que se manifesta nomeadamente na frontalidade da oposição de Lévinas ao registro privilegiadamente ontológico da filosofia ocidental (ora, lembrará Derrida, já em 1963, “*Violence et Métaphysique*”, quando nos opomos, damos de antemão razão a Hegel!), e ao modo como pensa a exterioridade ou o absoluto de uma alteridade não contaminada pelo ser.

À frontalidade levinasiana, contraporá Derrida a figura do oblíquo, do viés, do desvio (*na retidão (droiture)*), *apesar* da retidão e mesmo *em nome* da retidão), da *destinerrância* do envio, do “double bind”, da contradição, da contaminação e da aporia: figuras que salvaguardam a “ética” levinasiana, como um pensamento da alteridade respeitada, da argumentação hegeliana. E, em parte, Lévinas parece ter escutado as objeções de Derrida porque, em *Autrement qu'être*, dá que o ético é obrigado a viver na “contradição” (mas nunca na contaminação!), na “traição” e na “hipocrisia” pelo pouco de justiça de que, no mundo, o homem tem a força de ser capaz.

**2ª A questão do humanismo (re-pensado, é certo, mas ainda assim**

um “humanismo) da “ética” levinasiana: “humanismo” que Derrida grafará “*humanisme*” a fim de denunciar a aliança do fonocentrismo e do logocentrismo através de um certo privilégio da mão, da mão do homem (*humain*) — nomeadamente no pensamento levinasiano do contato e da carícia — bem como da relação da mão à linguagem e ao pensamento. Lembremos de passagem que, embora crítico do velho “humanismo” que, no seu entender, não soube estar à altura do humano, a ética levinasiana se quer, no dizer de um dos títulos da sua obra, um «Humanismo do *Outro Homem*» (do *outro* como *humano* — no esquecimento do vivente animal, portanto — e do *humano* como *homem* — no esquecimento e na secundarização do “feminino”);

**3ª Em estrita conexão com a questão anterior, a questão dita do animal — “eu descrevo a ética”, assume Lévinas, ela “é o humano enquanto humano”. Ora, se Lévinas inverteu de fato a tendência ontológica da filosofia e do sujeito, cuja enigmática humanidade se plasmará e o plasmará como *rosto (visage)*; se Lévinas submeteu de fato o sujeito a uma heteronomia radical; se ele fez do sujeito um sujeito sujeito à lei da substituição; e se diz que o sujeito é antes de mais um “hóspede” (em *Totalité et Infini*) e um “refém” do absolutamente outro (em *Autrement qu'être*), verdade é, porém, que este “sujeito ético” é, antes de mais, um *rosto* humano e fraterno. Jamais o outro é, no pensamento de Lévinas, um vivente animal. Que para este filósofo não tem rosto. Jamais o animal é, para Lévinas, um rosto. Nem mesmo um terceiro.**

Nestes termos, se para Lévinas só há responsabilidade diante de um rosto, e se a responsabilidade atesta a condição do sujeito ético *ou* humano, temos necessariamente de concluir que a humanidade do “sujeito ético” não se atesta nem se testemunha também na sua responsabilidade diante do animal - diante do sofrimento e do mal infligido ao animal.

Eis a razão pela qual Derrida - o primeiro filósofo que *se viu visto* pelo animal e que não se limitou apenas a vê-lo,

o filósofo para quem o “absolutamente outro é *absolutamente todo e qualquer outro*” —, detectará e mostrará como o “falocentrismo” do humanismo levinasiano se agrava num inquietante “carne-falocentrismo”, isto é, num sacrifício do vivente animal.

O dito animal, o animal *antes* de nós, *diante* de nós e *em nós fora* de nós (cf. J. Derrida, *L’animal que donc je suis*), é pois um grande esquecido da ética levinasiana. Um estranho esquecimento da parte de uma ética dissimetricamente heteronômica que diz dever incondicionalmente assumir a sua obrigação diante do “primeiro vindo” — ora, no dizer do *Gênesis*, o animal, no qual Derrida vê uma figura da alteridade absoluta, terá chegado ao mundo primeiro do que o homem. Que *deverá também* assim responder responsabilmente diante dele e por ele.

**4ª A questão do “feminino” e das “diferenças sexuais”:** não sem deixar de saudar a coragem e o mérito insigne de Lévinas por este ter assumido a masculinidade da sua assinatura filosófica — coisa que (apesar da ambigüidade que consigna, uma vez que implica um posicionamento na própria diferença sexual, que assim se vê rasurada e/ou economizada) é, como muito bem sabemos, raríssima em filosofia! — bem como pelo seu empenho na temática fenomenológica de *eros* e do feminino [cf. Lévinas, *Le l’existence à l’existant; Le temps et l’autre, Totalité et Infini*], Derrida denuncia no pensamento e na obra de Lévinas a violência de uma certa dissimetria falocêntrica. Um falocentrismo ou um androcentrismo marcados, por exemplo, no privilégio do *Il* e da *Illéité* na designação do “*tout autre*”; no privilégio do Pai e do Filho na sua alusão à filiação (cf. *Totalité et Infini*); na sua distinção entre rosto feminino (equacionado ao *Tu* de Buber) e rosto magistral (equacionado ao *Vós* - altura, magistralidade, vulnerabilidade, imperatividade e resistência ética) (cf. *Totalité et Infini*); numa certa alusão à Amada, à feminilidade da Amada estranhamente associada, em *Totalité et Infini*, à infância, à irresponsabilidade, à coquetterie e à animalidade, ... Um privilégio que, reatando com a

poderosíssima tradição abraâmica, é indissociável do privilégio da *fraternidade* na ética levinasiana. Um privilégio a ser devidamente repensado, dado o seu liame à genealogia familiar e ao sangue.

Por outro lado, numa extraordinária atenção à textura do texto levinasiano, Derrida não deixará de saudar também (é, aliás, o único a fazê-lo!) a possibilidade de pensar o “feminino” em Lévinas no sentido de um certo “femininismo *avant la lettre*” - quer dizer, e como Derrida no-lo dá a pensar, prévio à própria “diferença sexual”. Uma leitura que o filósofo nos dá em «*Le mot d’accueil*» a partir da sua leitura do “feminino” em *Totalité et Infini* (D. *La demeure*) pensado como “acolhimento por excelência”, como “linguagem silenciosa” ou como “expressão no segredo”. Uma leitura, no entanto, só compreensível a partir dos pressupostos do pensamento da arqui-escrita derridiana.

**5ª A questão do perdão:** o perdão em Lévinas implica sempre arrependimento e, conseqüentemente, a sua solicitação. Diferentemente, para Derrida o perdão é “uma loucura do impossível” — modo de dizer que um perdão que merece o nome é *sem condições* (cf. Derrida, “*Le siècle et le pardon*”);

**6ª A questão do judaísmo:** Apesar do repensar ético do judaísmo por Lévinas (para quem Deus, “transcendente até a ausência”, vem à idéia na relação inter-humana, ou seja, para quem a relação a Deus é inconcebível fora da relação ética com os homens), as diferenças entre Derrida e Lévinas a este nível são mais do que muitas e passam sobretudo pela sua diferente concepção da importante noção de “eleição” (cf. Derrida, “*Abraham, l’autre*”): não sendo nenhum privilégio, mais ou menos folclórico, nem nenhum particularismo, mas uma eleição pela responsabilidade e para a responsabilidade infinita e universal, um certo exemplarismo judaico não está de todo ausente do pensamento levinasiano da “eleição” para quem o “judeu” é, por excelência, a figura do humano. Fragilizando

e indeterminando a eleição, Derrida desconstrói a idéia de pertença, de comunidade, de propriedade etc.

Daí que, se é certo que, ao repensar eticamente o judaísmo, foi desejo de Lévinas traduzir na linguagem (grega) da filosofia a mensagem de uma espiritualidade ou de uma humanidade, rebelde às formas do saber, Derrida irá ainda mais longe - na verdade, ele vai para além e do “judaísmo” (não sem ironia, diz-se, aliás, o último e/ou o primeiro dos judeus) e do “helenismo”, mostrando como eles próprios, na sua pretensa unidade una, se auto-desconstroem, e como todos os pensamentos do mundo são uma tradução de tradução...

**7ª A questão do messianismo e do político:** no muito que haveria a dizer sobre estas questões, referirei aqui apenas que Derrida repensa o *messianismo* levinasiano em termos de *messianicidade* [que o filósofo traduzirá em *Spectres de Marx*, na sua leitura de Marx, na “nova Internacional” por vir: uma internacionalidade que terá a sua novidade, o seu motor e o seu porvir no espírito de *justiça*, o impercível espírito do marxismo, tanto para Derrida como para Lévinas] e que, para além de assumir uma total proximidade a Lévinas em questões como as da *hospitalidade incondicional* ou de *visitação*, das *cidade-refúgio* e do “*político depois!*” [questões que, por si mesmas, são o germen para um repensar revolucionário do político, da democracia, da própria idéia de revolução e do direito (nacional e internacional)], um abismo o separa de fato da cultura e da praxis política do filósofo da ética como *prima philosophia*. No entanto, apesar destas diferenças, importa notar que ambos os filósofos são sem alibis em relação a Israel, fazendo Derrida seu o veredito de Lévinas que diz ter como uma verdadeira lição de política, em Israel, na Palestina ou seja lá onde for: “A pessoa é mais santa do que uma terra, mesmo quando é uma terra santa, porque diante de uma ofensa feita a uma pessoa, esta terra santa aparece, na sua nudez, como um amontoado de pedras e bosques”.

## Religião, para Lévinas, é ética

O agir no mundo é o que realmente importa, observa Simon Critchley, e não a crença ou não em Deus. Anarquismo ético é o tipo de ação política proposto pelo filósofo inglês, preconizando “novas formas de subjetividade radical política”

POR MÁRCIA JUNGES

**N**a entrevista exclusiva a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, o filósofo inglês Simon Critchley acentua que acreditar em Deus ou não é irrelevante. “O que importa é como agimos no mundo.” A afirmação analisa a forma como Lévinas compreende o conceito de religião. “Ele não quer dizer teologia, e não quer dizer crença em alguma deidade transcendente. Religião, para Lévinas, é ética e está promulgada em minha relação e serviço para com a outra pessoa.” Explicando o conceito de anarquismo político eticamente cometido, por ele próprio criado, Critchley esclarece que o “compromisso ético é um compromisso com a demanda do outro indivíduo, e essa demanda molda minha subjetividade e me impulsiona para a ação política. As formas específicas de política que defendo são um anarquismo ético, no qual a política consiste na criação de distância intersticial do Estado e na emergência de novas formas de subjetividade radical política”.

Radicado nos Estados Unidos, Critchley leciona desde 2004 na New School For Social Research, em Nova Iorque. Graduado em Filosofia pela Universidade de Essex, Inglaterra, e na Universidade de Nice, França, já lecionou em inúmeras instituições pelo mundo. De sua produção bibliográfica, citamos *Re-Reading Levinas* (Bloomington: Indiana University Press, 1991), editado com Robert Bernasconi, *The Ethics of Deconstruction: Derrida and Levinas* (2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999) e *Emmanuel Levinas: Basic Philosophical Writings* (Bloomington: Indiana University Press, 1996), editado com Adriaan T. Peperzak e Robert Bernasconi.

**IHU On-Line - O respeito pelo Outro proposto por Lévinas pode ser o fundamento para revitalizarmos a democracia hoje “colonizada” pela economia? Como fazer com que as decisões contingentes tomadas na política primem não apenas pelo “Eu”, mas também pelo “Outro”?**

**Simon Critchley** - O que deve ser entendido em primeiro lugar é a fragilidade do empreendimento filosófico de Lévinas. A sua vida e trabalho são definidos pela memória do horror nazista e sua tentativa de pensar filosoficamente sobre a ética vem de um reconhecimento melancólico de que o mundo contemporâneo é definido por uma experiência de guerra, ambas — a guerra real e a guerra socioeconômica de crescente desigualdade. Em tal

mundo, o auto-interesse e o auto-centrismo dominam. O trabalho de Lévinas tenta descrever uma relação com o outro, então deve questionar essa primazia do interesse pessoal e mostrar como a vida humana deve parecer se partirmos não de nós mesmos, mas do outro. Tal perspectiva deve ser capaz de revitalizar a democracia, como você sugere, mas isso requer um esforço político e ético de longo prazo.

**IHU On-Line - Que elementos o pensamento lévinasiano nos fornece para compreender o niilismo crescente na sociedade contemporânea? A secularização da sociedade seria um dos elementos explicativos?**

**Simon Critchley** - Nem o niilismo e nem a secularização são grandes te-



DIVULGAÇÃO

mas do discurso de Lévinas, apesar de implicarem em muito daquilo que ele escreve. Contra o discurso niilista e neo-pagão a respeito da morte de Deus, Lévinas tenta defender a religião, mas é importante entender o que ele quer dizer com esse termo. Ele não quer dizer teologia, e não quer dizer crença em alguma deidade transcendente. Religião, para Lévinas, é ética e está promulgada em minha relação e serviço para com a outra pessoa. Crença ou descrença em Deus é irrelevante. O que importa é como agimos no mundo.

**IHU On-Line - Como Derrida interpreta e formula a ética da desconstrução a partir de sua leitura de Lévinas? Essa ética pode ajudar a dar um sen-**

“As formas específicas de política que defendo são um anarquismo ético, no qual a política consiste na criação de distância intersticial do Estado”

tido para o homem contemporâneo?

**Simon Critchley** - Derrida é o mais astuto e criticamente brilhante leitor de Lévinas. O que foi muito pouco entendido na medida em que a influência de Lévinas sobre Derrida é sobre o projeto de desconstrução. É minha visão, com a qual tenho argumentado por muitos anos, de que há uma motivação ética para a desconstrução, uma motivação de tipo muito levinasiano, a saber, a incondicionalidade da relação com o outro. Isso é o que permanece “indecisível” em qualquer desconstrução. Isso é o que Derrida chama, muito simplesmente, de “justiça”.

**IHU On-Line** - O que significa o conceito de “anarquismo político eticamente cometido” (*ethically committed political anarchism*) que o senhor formulou? Essa idéia funciona como uma saída ao niilismo político que experimentamos no século XXI?

**Simon Critchley** - Tenho tentado encontrar uma resposta à sua pergunta, de forma mais ampla. Em meu livro *Infinately demanding. Ethics of commitment, politics of resistance* (London & New York: Verso, 2007), argumento sobre uma experiência de compromisso ético que possa confrontar o que vejo como o déficit motivacional das sociedades liberal-democráticas contemporâneas, sociedades as quais oscilam entre o que chamo de niilismo ativo e passivo. Minha principal reivindicação, em *Demandas infinitas*, é que o compromisso ético é um compromisso com a demanda do outro indivíduo, e essa demanda molda minha subjetividade e me impulsiona para a ação política. As formas específicas de política que defendo são um anarquismo ético, no qual a política consiste na criação de distância intersticial do Estado e na emergência de novas formas de subjetividade radical política. Mais detalhadamente, falo a respeito de formas de política indigenista na América Latina

e especificamente sobre o “Movimento dos Sem Terra” no Brasil como exemplos do tipo de políticas que quero endossar.

**IHU On-Line** - Que aproximações existem entre o conceito de “anarquismo político eticamente cometido” (*ethically committed political anarchism*) e a democracia radical de Ernesto Laclau<sup>1</sup> e Chantal Mouffe<sup>2</sup>?

**Simon Critchley** - Fui colega de Ernesto Laclau por quase 20 anos na Universidade de Essex, somos amigos e tenho aprendido muito com ele ao longo dos anos. Basicamente, concordo com a crítica do marxismo clássico em Laclau e Mouffe e com sua concepção de política baseada no conceito de hegemonia de Gramsci.<sup>3</sup> No entanto, discordamos a respeito da relação entre ética e política. Mouffe quer manter a ética fora da política e Laclau adota uma visão da ética a qual critiquei em alguns lugares. No entanto, a tarefa de ligar a noção de compromisso ético a uma política radical tem de usar as ferramentas da abordagem de Laclau e Mouffe.

1 Ernesto Laclau (1935): filósofo político argentino, radicado na Inglaterra e professor na Universidade de Northwestern. De suas publicações, citamos *New Reflections on the Revolution of our Time* (London: Verso, 1990) e *Emancipation (s)* (London: Verso, 1996). Laclau concedeu entrevista exclusiva à revista IHU On-Line edição nº 250, de 10-03-2008, intitulada *1968 e a construção de um novo discurso político*. Para ler o material, acesse o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da IHU On-Line)

2 Chantal Mouffe: filósofa americana, autora de *Dimensions of radical democracy* (London: Verso, 1992) e *The democratic paradox* (London: Verso, 2000). (Nota da IHU On-Line)

3 Antonio Gramsci (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela “hegemonia” do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da IHU On-Line, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*. (Nota da IHU On-Line)

CONFIRA A VERSÃO ELETRÔNICA DA  
IHU ON-LINE  
WWW.UNISINOS.BR/IHU

## Inspiração levinasiana deve pautar o agir

Para o filósofo Marcelo Pelizzoli, o que fazer na prática com as idéias de Emmanuel Lévinas é o que importa, mais do que apenas discutir conceitos em termos teóricos

POR MÁRCIA JUNGES

“**Q**ue sentido tem estudar Lévinas ou Filosofia, mas continuar com os mesmos hábitos de consumo insustentável? Ou não fazendo uma real opção pelos pobres? Ou não trabalhando suas emoções que afetam os outros concretamente?”, questiona o filósofo Marcelo Pelizzoli, na entrevista que você confere a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Em seu ponto de vista, o que se faz com a inspiração levinasiana é o que realmente interessa. “A vida arrebenta com os conceitos. É preciso prová-la na sua crueza, bem embaixo do nosso nariz.”

Pelizzoli é coordenador do grupo de pesquisa e extensão em Cultura de Paz e professor do mestrado em Gestão e Política Ambiental na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduado em Filosofia e especialista em Ciência Política, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é mestre e doutor em Filosofia pela mesma instituição. Sua dissertação intitulou-se *A relação do outro em Husserl e Lévinas* e a tese *Husserl, Heidegger e Lévinas – reconstrução da subjetividade pelo sentido da alteridade*. É autor de *A relação ao Outro em Husserl e Lévinas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994), *A emergência do paradigma ecológico* (Petrópolis: Vozes, 1999), *Lévinas: a reconstrução da subjetividade* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002) e *O eu e a diferença: Husserl e Heidegger* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002).



Divulgação

**IHU On-Line - Como a obra de Lévinas contribui para a formação de uma Ciência e Cultura da Paz?**

**Marcelo Pelizzoli** - Há obras e trechos mais específicos em Lévinas que são voltados a questões relativas a violências sofridas pelos oprimidos ou minorias. Na verdade, sua obra como um todo se refere a como evitar a hora da violência. No entanto, enquanto teoria/filosofia, é preciso um grande esforço de tradução da inspiração de Lévinas para a prática na nossa realidade pessoal, social, ambiental (neste ponto Lévinas ajuda pouco). Ou seja, você pode ler muito Lévinas (ou qualquer outro filósofo) e ficar só na teoria, só na especulação, mas não tomar nenhuma atitude prática pessoal, social e ambiental efetiva. Por isso, a obra em si não contribui muito, mas sim como conseguimos nos enfrentar com a realidade popular e cultural nossa e assim viver o desafio da nossa alteridade prática.

Muitas vezes, a filosofia é a racionalização intelectual daquilo que gostaríamos de fazer. Assim, se ficarmos apenas lendo, ou escrevendo ou falando para os outros, portanto, vira uma “masturbação intelectual”. A cultura de paz é uma ação, não uma filosofia acadêmica.

**IHU On-Line - De que forma a ética da alteridade levinasiana alicerça os fundamentos da Bioética?**

**Marcelo Pelizzoli** - Tenho me inspirado na alteridade levinasiana via Hans Jonas<sup>1</sup> para pensar problemas bioéticos, em conjunção com uma epistemologia hermenêutica aplicada, e dimensões

<sup>1</sup> Hans Jonas (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico. A sua obra principal intitula-se *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation* (1979), publicada em português como *O princípio responsabilidade* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2006). (Nota da IHU On-Line)

do diálogo resolutivo de problemas e dilemas éticos, pois os casos com que lidamos são sempre difíceis, porque reais e específicos, caso a caso. Lévinas diretamente aqui também precisa ser traduzido, emendado, e serve como inspiração; já Jonas é muito mais específico, contemplando dilemas bio-éticos e políticos que nos tocam mais de perto. O fundamento da justiça é o que mais interessa hoje na Bioética, em especial na dimensão ambiental que se liga direto à questão político-econômica. As bioéticas dependem igualmente das culturas vigentes.

**IHU On-Line - Nesse sentido, o pensamento desse autor fundamenta uma postura de responsabilidade coletiva no cuidado ao meio ambiente, na emergência de uma ética ambiental? Por quê?**

**Marcelo Pelizzoli** - Na minha avaliação, vejo dificuldades em aurir dire-

tamente em Lévinas uma ética ambiental, apenas no sentido daquela inspiração de alteridade passando por outros autores como Jonas e pensadores/militantes locais que possam traduzir e aplicar efetivamente o emaranhado fenomenológico-metafísico de Lévinas. Ele serve para pensarmos que a questão ambiental é uma questão igualmente humana. Mas, dentro da sua visão judaica, o ambiente enquanto algo holístico, romântico, como a ecopsicologia trabalha, interligado, energia de interdependência, essa visão Lévinas tem medo e alergia. Isso faz com que precisemos corrigir Lévinas, pois gera um preconceito do próprio autor para com outras visões locais, como as indígenas, espirituais e tradicionais. Em meu livro *Correntes da ética ambiental*, defendo Lévinas em relação a isso. Hoje vejo que não podemos tapar o Sol com a peneira.

**IHU On-Line - Como o conceito de alteridade se adéqua ao respeito pela natureza e pela vida humana?**

**Marcelo Pelizzoli** - Apenas o conceito de alteridade não resolve nada, nem conceito algum. Este é o problema da filosofia, mesmo contemporânea. Às vezes, os professores de filosofia se prendem a conceitos e justificações de teorias e lutam entre elas e suas filigranas. Neste sentido, prefiro Lévinas e Heidegger na radicalidade. *Il faut agir avant d'entendre*<sup>2</sup>, diz Lévinas; é o fim da filosofia, diz Heidegger. Quando isso ocorre, começamos a abandonar a especulação da alteridade, e começamos a agir. Isso provém sobremaneira de uma dimensão emocional e de vontade forte, ou seja, na mão dos filósofos racionalistas, ou da intelectualização, a ética vira engodo e desculpa, como diz Maturana.<sup>3</sup> Somente a prática e o de-

<sup>2</sup> "É preciso agir antes de entender" (Tradução da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Humberto Maturana: biólogo chileno, criador da autopoiese e um dos propositores do pensamento sistêmico. Confira a entrevista exclusiva por ele concedida às *Notícias do Dia* do sítio do Instituto Hu-

manitas Unisinos (www.unisinos.br/ihu), em 31-05-2006, intitulada "O entrelaçar humano entre razão e emoção". (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Qual é a relação estabelecida com o Outro em Husserl e Lévinas?**

**Marcelo Pelizzoli** - Em Husserl, no fundo, o outro é como em Hegel: é um suporte necessário a um sistema teórico, parte de um mecanismo que compõe uma prisão mental capaz de falar e dialeticizar em cima da alteridade, justamente suprimindo-a sutilmente, totalizando e circunscrevendo a realidade vivida numa visão teórica ou ontológica de mundo. O inseto está preso dentro da lamparina. Qualquer tentativa de tirá-lo, que não seja a desconstrução deste esquema mental, é novo aprisionamento com outra roupagem. Isto tem sido a filosofia acadêmica. O Outro em Lévinas, quando restrito a trabalhos acadêmicos, teorias, contra-argumentações, livros e mais livros, segue o mesmo esquema. Ou seja, mesmo que Lévinas tenha tentado falar do Outro absoluto, o outro que quebra toda identidade e ontologia, o que se faz com a inspiração levinasiana é o que interessa. É muito profunda e intensa a teoria do Outro em Lévinas, mas ocorre que ela pode também, como toda Filosofia, servir de sublimação para a crise real que deve ser enfrentada. Que sentido tem estudar Lévinas ou Filosofia, mas continuar com os mesmos hábitos de consumo insustentável? Ou não fazendo uma real opção pelos pobres? Ou não trabalhando suas emoções que afetam os outros concretamente? *Il faut agir avant d'entendre...*

**PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU. CONFIRA A  
PROGRAMAÇÃO NO SÍTIO  
WWW.UNISINOS.BR/IHU**

## Um pensamento inovador e incompreendido

Filósofo inglês Robert Bernasconi analisa aspectos incompreendidos da obra levinasiana, além dos conceitos de paz e linguagem, bem como o perdão em Hegel e Lévinas e a questão da violência e do racismo

POR MÁRCIA JUNGES

**D**e acordo com o filósofo inglês Robert Bernasconi, o pensamento de Emmanuel Lévinas é um dos mais inovadores do século XX, porém um dos mais incompreendidos. Um dos grandes mal-entendidos que cercam suas idéias é de que ele seja “principalmente um filósofo de ética, considerando que ele é particularmente explícito em alguns lugares de que seja um filósofo do sagrado, ou, para usar outra palavra que também é importante para ele, um filósofo da transcendência”. No que diz respeito à conexão entre paz e linguagem, Bernasconi afirma: “Quando se pensa sobre linguagem em Lévinas, isso nem sempre significa fala. A linguagem inclui os silêncios. A face do Outro já fala comigo, me demanda algo que eu devo responder, antes de palavras ditas”.

Bernasconi leciona na Universidade de Memphis, Estados Unidos. É conhecido mundialmente por suas pesquisas sobre Heidegger e Lévinas, filosofia continental e teoria do racismo. Escreveu *The Question of Language in Heidegger's History of Being* (Atlantic Highlands: Humanities Press, 1985), *Heidegger in Question: The Art of Existing* (Atlantic Highlands: Humanities Press, 1993) e *How to Read Sartre* (New York: W. W. Norton, 2007). PhD pela Universidade de Sussex, Inglaterra, concedeu a entrevista a seguir por e-mail à IHU On-Line.

**IHU On-Line - Quais são os aspectos inovadores do pensamento de Lévinas no contexto filosófico em que surgiu?**

**Robert Bernasconi** - Considero que o pensamento de Lévinas está entre os mais inovadores do século XX e é por isso que acredito que ele está entre os mais incompreendidos, apesar da enxurrada de literatura “de segunda” que atualmente ameaça afogar sua originalidade. Talvez eu possa esclarecer melhor sua novidade listando alguns desses mal-entendidos, dessas incompreensões que servem para ocultar o que ele tem introduzido no discurso filosófico. O primeiro mal-entendido/incompreensão é que as pessoas pensam que ele seja primeiro e principalmente um filósofo de ética, considerando que ele é

particularmente explícito em alguns lugares de que seja um filósofo do sagrado, ou, para usar outra palavra que também é importante para ele, um filósofo da transcendência. Todavia, é certo que Lévinas pensa a transcendência de uma forma fundamentalmente nova. Considerando que a transcendência é comumente pensada na filosofia ocidental no modelo da experiência mística, Lévinas acredita que não seja transcendência até que se esteja bem firme no ser. Essa tentativa de sair do ser, que é, no entanto, frustrada, é a estrutura formal que governa o pensamento de Lévinas e o conecta à tradição filosófica ocidental. É a concretização dessa estrutura formal que Lévinas localiza na relação ética, como um descentramento de si em favor do

Outro, mas no qual a responsabilidade é retida por mim.

O segundo mal-entendido/incompreensão mais comum surge quando as pessoas dizem que quando Lévinas diz que ética, estaria rejeitando a ontologia. Entretanto a ontologia, como estudo do ser, tornou-se mais importante como um resultado dessa reorientação pois, para ser ético, não se pode abordar o Outro com as mãos vazias. Devemos enfrentar as necessidades do Outro. Para apelar à distinção com a qual *Totalidade e Infinito* abre, a distinção entre desejo e necessidade, Lévinas não abandona o nível da necessidade pelo do desejo como alguns leitores parecem pensar. Desejar o Outro é responder às suas necessidades.

Em terceiro lugar, isso significa que

totalidade e infinito não são opostos. Lévinas localiza o infinito, essa relação com o Outro que excede o ser, na totalidade, e não além dela. É por isso que, em quarto lugar, Lévinas não separa política da ética: assim como a relação ética com o Outro age como um corretivo para o político ou burocrata que é cego para a singularidade dos indivíduos, a política corrige o ético, pois eles são sempre outros Outros. As demandas sobre mim são esmagadoras não apenas porque sejam sem limite, mas também porque sempre me colocam em conflitos insolúveis. Então, por exemplo, tenho que decidir a qual vou responder primeiro. Não pode nunca haver resposta definitiva a esta questão.

#### Radicalidade levinasiana

Posso seguir listando pontos a respeito do pensamento de Lévinas que penso que não estejam ainda completamente avaliados, mas deixe-me encerrar a resposta para esta questão destacando a radicalidade de Lévinas. Sua noção de responsabilidade é especialmente importante, pois é uma forma de deixar para trás todas as disputas sem sentido sobre se é trabalho meu ou de qualquer outro tomar conta de todo problema. A ética, de Aristóteles em diante, vem sendo considerada dentro de um modelo legal o qual fundamentalmente a destrói porque reduz a responsabilidade à prestação de contas. A ética, desde pelo menos o período moderno, tem largamente sido a respeito de estabelecer uma boa consciência, o que fundamentalmente é a tarefa da casuística, não da ética. Nada mostra tão claramente a originalidade de Lévinas quanto o fato de que ele está sempre tendo que brincar com o paradoxal ou, enquanto ele coloca isto de forma bastante enganadora, ir contra a “lógica formal”. A medida a qual Lévinas está disposto a estressar seu próprio pensamento ao limite nunca é mais clara que quando ele percebe que, para sustentar a idéia do Outro radical que está sem identidade, a qual é, claro, a idéia fundamental de *Totalidade e Infinito*,

ele conclui que se deve adotar a frase impossível, emprestada de Rimbaud,<sup>1</sup> “Eu<sup>2</sup> é um outro”. É isso que ele chama de substituição em *Otherwise than being* [ou *Beyond Essence*].

**“Considero que o pensamento de Lévinas está entre os mais inovadores do século XX e é por isso que acredito que ele está entre os mais incompreendidos, apesar da enxurrada de literatura ‘de segunda’ que atualmente ameaça afogar sua originalidade”**

**IHU On-Line - Como os conceitos paz e a linguagem se relacionam no pensamento de Lévinas?**

**Robert Bernasconi - Paz é às vezes as-**

<sup>1</sup> Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891): poeta francês. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> O “Eu” aqui está grifado, mas não no original do entrevistado. O grifo aqui deve-se ao destaque para a expressão “eu” não como referindo-se a si, já que Rimbaud disse, em francês, originalmente, “Je est un autre”, ou seja, “Eu é um outro”, e não “Eu sou um outro”, como já se traduziu algumas vezes, erroneamente, para a língua portuguesa. (N. da T.)

sociada ao silêncio, mas Lévinas consideraria essa associação como grega. Ele consideraria a paz hebraica, por contraste, como sendo uma interrupção da paz grega. É um choque que perturba, incomoda, desorienta. Da mesma forma, a paz é, para Lévinas, não adiada indefinidamente como em Kant, o qual é convencido muito facilmente de que o antagonismo é o caminho para atingir a paz. Todavia, quando se pensa sobre linguagem em Lévinas, isso nem sempre significa fala. A linguagem inclui os silêncios. A face do Outro já fala comigo, me demanda algo que eu devo responder, antes de palavras ditas. Mas talvez o aspecto mais profundo do pensamento de Lévinas sobre linguagem é sua distinção entre o dizer e o dito. Não é uma distinção comum, pois demarca dois níveis muito diferentes. Seus efeitos são deslocar o viés do filósofo para o conteúdo, o qual é tão visível naquilo que Heidegger tem a dizer sobre conversa fiada (Gerede),<sup>3</sup> em favor de palavras mais simples quando são realmente abordadas. Dizer “oi” a alguém, dizer “obrigado”, dizer “desculpe” - que na Inglaterra (mas não nos EUA) é uma maneira de pedir a atenção de alguém<sup>4</sup> -, pode ser profundamente significativa. As conversas mais banais sobre o tempo, que podem ser conduzidas sem qualquer referência à realidade e devem até mesmo ser falsas pelos critérios dos filósofos, podem, em algumas ocasiões, fazer contato com alguém e levar paz àqueles que estão incomodados.

**IHU On-Line - De que forma você analisa a possibilidade de reconciliação e perdão a partir de Hegel e Lévinas?**

**Robert Bernasconi - Há muitos anos eu escrevi sobre a estreita proximidade da idéia de Hegel de reconciliação e perdão no final do sexto**

<sup>3</sup> O que Heidegger chama “gerede” é traduzível para o português como “conversa fiada” ou, menos comumente neste caso, “palavrório”. (N. da T.)

<sup>4</sup> Aqui no Brasil mais raramente usada com esse intuito, o termo “desculpe” seria melhor traduzível por “com licença”. A palavra original usada por Bernasconi, no entanto, foi mantida, uma vez que também pode ser usada com o mesmo propósito do qual ele fala. (N. da T.)

capítulo de *Fenomenologia do Espírito* e algumas observações sobre perdão que Lévinas faz para o fim de *Totalidade e Infinito*. Não reli por um bom tempo aquilo que escrevi todos esses anos pois não gosto de ficar olhando para trás. Escrevo para deixar as coisas para trás e não para me amarrar ou permitir que outros me amarrem. É por isso que prefiro escrever palestras que se tornam artigos, do que livros. No entanto, suspeito que eu seria capaz de ser leal a muito do que escrevi nesse ensaio, mas acharia a orientação estranha. Estou mais convencido que nunca sobre a importância dessas páginas da *Fenomenologia* como uma das chaves para o livro e muito mais importante que a relação senhor-escravo. Mas embora eu pense que devemos continuar voltando a Hegel para aprender como pensar de outra forma que não a constrangida e rígida maneira que a filosofia analítica nos impôs e que Hegel nos ensina a como manter o movimento de pensar, suspeito mais do que nunca de que a maneira como ele pensa a dialética privilegia uma certa história. Em seu *Lectures on Natural Right* de 1817-18 Hegel escreve que nenhum povo sofreu injustamente inocentemente. Hegel é levado a esse ponto por sua tentativa de achar, na história, uma teodicéia, mas isso é imperdoável. A filosofia de Lévinas é sobre recontar à filosofia que esse tipo de coisa jamais deve ser dita e ele reconhece a necessidade de dizer que certas palavras e escrituras são imperdoáveis. Não há traço disso em meu ensaio, que eu me lembre, mas tenho tentado compensar isto no meu mais recente trabalho.

**IHU On-Line - Que traços de Lévinas podem ser encontrados em Derrida?**

**Robert Bernasconi** - Por muitos anos planejei escrever um livro chamado *Between Levinas and Derrida [Entre Lévinas e Derrida]*. Quando falei isso para Lévinas, ele me desencorajou. Ele disse que não há diferença entre seu pensamento e o de Derrida. Na época – isso foi em meados dos anos 1980 – eu estava inclinado a concor-

dar. Quando falei para Derrida o que Lévinas havia me dito, ele riu. Disse que Lévinas estava certo. Claro, não se deve levar essa história muito a sério e aqui está uma enorme diferença e essa era sua relação com Heidegger. Lévinas e Derrida dizem a mesma coisa (!), que é o impossível conjunto de equações ao qual fui confrontado. É claro, o clima intelectual mudou muito desde essa época; Derrida escreveu livros sobre o dom e sobre a hospitalidade, por exemplo, que são mais levinasianos que qualquer coisa que ele tenha es-

**“Seu foco no  
anti-semitismo parece  
às vezes fazê-lo cego  
para os outros  
racismos e ele fez  
algumas observações  
a respeito dos negros  
que só se pode chamar  
de racistas”**

crito até então, então a necessidade agora é menos mostrar as similaridades do que clarear as diferenças. Há uma forte lógica que rege muito do pensamento de Derrida que é difícil de se resistir uma vez que se vê [a lógica] e que às vezes parece invadir a própria e muito distinta contribuição de Lévinas. Derrida mostra que a ética é tão excessiva que é impossível – e ainda assim acontece. Dessa forma ele mostra o quão excessiva a ética é. Para Lévinas a ética é também um excesso em sua forma, mas há mais ênfase também no quão mun-

dana ela é. Permita-me colocar dessa forma: na medida em que o dom seja impossível, de acordo com Derrida, é porque as condições nunca podem ser preenchidas: há sempre algum retorno para o dom, nunca pode ser sem alguma troca, porquanto se seja consciente disso e não se pode dar nada sem transferir a propriedade. Por contraste, para Lévinas, se o dom é impossível, é porque o Outro não me possui. Em face da fome do Outro, esse pão não é mais meu. Naquela época eu poderia vir a dá-lo, não é mais algo que se liga a mim ou ao qual estou ligado.

**IHU On-Line - Como a obra levinasiana contribui para pensarmos a questão do racismo e da violência entre os povos?**

**Robert Bernasconi** - Essa é uma questão difícil para mim porque por quase 20 anos muito do meu trabalho filosófico – e também meu trabalho na Universidade enquanto uma instituição – foi direcionada para abordar o racismo. Isso significa que vejo o racismo em toda sua complexidade. Em um nível Lévinas é tão poderoso como fonte/recurso quanto se pode encontrar em filosofia para abordar o racismo, até porque, como ele nos diz, sua vida foi dominada pelo anti-semitismo e sua filosofia surge dessa experiência. É assim que devemos ver sua relação complexa com as questões de identidade, tanto a identidade pessoal quanto as identidades de grupo, embora eu não esteja totalmente convencido que ele negocie essa diferença entre elas com sucesso, uma vez que essa diferença se perde no vão entre seus escritos filosóficos e os assim chamados confessionais. Mas tenho outras preocupações mais importantes. Seu foco no anti-semitismo parece às vezes fazê-lo cego para os outros racismos e ele fez algumas observações a respeito dos negros que só se pode chamar de racistas. Lévinas não tem todas as respostas, assim como não as têm Sartre ou Fanon, mas quando se trata de abordar o racismo eu preferiria usar os recursos de todos os três do que de nenhum deles.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Entrevista da Semana

## Caravana da Anistia revela a obscuridade de 1964

As caravanas da anistia oferecem aos jovens a oportunidade de compreenderem a história do país a partir do golpe militar, considera José Carlos Moreira da Silva Filho, coordenador da Caravana da Anistia na Unisinos

POR GREYCE VARGAS E PATRICIA FACHIN

Com a proposta de julgar requerimentos de anistia por perseguição política, as Caravanas da Anistia pretendem apresentar aos jovens a recente história do Brasil, escondida entre os arquivos da ditadura militar. Segundo o coordenador da Caravana da Anistia na Unisinos, José Carlos Moreira da Silva Filho, a população precisa compreender que problemas vivenciados atualmente, como “violência, corrupção, ausência de reforma agrária, estão diretamente relacionados ao intenso período autoritário vivido no país a partir de 1964”.

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, o professor explica que, durante os julgamentos proporcionados pelas caravanas, os requerentes costumam oferecer importantes depoimentos pessoais sobre o período ditatorial, e completa: “Essas ocasiões são riquíssimas, pois pessoas que muitas vezes pouco sabem sobre o que aconteceu a partir de 1964 têm a genuína oportunidade de ouvir um verdadeiro testemunho por parte de quem participou ativamente das lutas que desembocaram na democracia que vivemos hoje”.

A caravana da anistia estará presente na Unisinos nesta quinta-feira, 16-10-2008, no Auditório Padre Bruno Hammes (no Centro de Ciências Jurídicas) das 8h30 às 12h. No fim do dia, às 18h, será exibido o documentário Condor, dirigido pelo cineasta Roberto Madre. Em seguida, o longa será comentado pelo diretor do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krischke. Sobre a Operação Condor, leia as entrevistas publicadas no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) com Jair Krischke, intitulada “Quem inaugurou a Operação Condor, quando sequer havia esse nome, foi o Brasil” (01/02/2008); e com Neusa Maria Romanzini Pires, intitulada “Operação Condor. A estrutura continua existindo” (28/05/2007).

José Carlos Moreira da Silva Filho é graduado pela Universidade de Brasília (UnB), mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina, com a dissertação *O pluralismo jurídico, os novos movimentos sociais e a exterioridade em Dussel*, e doutor pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente, também é conselheiro da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça.

**IHU On-Line - Qual a importância de se tratar e julgar as ações relacionadas à anistia em formato de caravana?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho** - As Caravanas da Anistia possuem como proposta central a de realizar o julgamento de requerimentos de anistia por perseguição política não apenas dentro das quatro paredes do Ministério da Justiça, mas também nos estados bra-

sileiros, nos quais aquelas perseguições ocorreram. A prioridade nas Caravanas tem sido dada a Instituições de Ensino, visto que consideramos fundamental que os jovens conheçam a história recente do seu país, percebam que os problemas que hoje vivenciamos como violência, corrupção, ausência de reforma agrária, problemas sérios no campo educacional e déficit democrático de

um modo geral estão diretamente relacionados ao intenso período autoritário vivido no país a partir de 1964. Durante os julgamentos, os requerentes costumam oferecer importantes depoimentos pessoais que dão conta da sua atividade de resistência ao governo ditatorial. Essas ocasiões são riquíssimas, pois pessoas que muitas vezes pouco sabem sobre o que aconteceu a partir

ARQUIVO PESSOAL



de 1964 têm a genuína oportunidade de ouvir um verdadeiro testemunho por parte de quem participou ativamente das lutas que desembocaram na democracia que hoje vivemos. O formato das Caravanas é importante. Assim, não só para o resgate da memória política brasileira, mas também para dar maior transparência à atuação da Comissão de Anistia. No ano em que nossa Constituição completa 20 anos de existência, é importante esclarecer que a missão da Comissão de Anistia foi estabelecida em nível constitucional, mais precisamente no Art.8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, e que só foi regulamentado em 2001, via medida provisória, posteriormente transformada na Lei 10.559/2002, que hoje estabelece o Estatuto do Anistiado Político no Brasil. Trata-se, portanto de um pacto político de redemocratização e é vital que a sociedade conheça cada vez mais as atividades da Comissão de Anistia, percebendo a sua enorme importância.

#### **IHU On-Line - Quais os processos que serão julgados aqui na Unisinos?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho** - Cada processo, dentre os que são especialmente selecionados para as Caravanas, traz uma história de vida, um exemplo de coragem e resistência diante do embrutecimento dos agentes públicos e de outros setores da sociedade. Os relatórios e os votos que são produzidos pelos Conselheiros e Conselheiras da Comissão procuram sempre contemplar isto. Ademais, cada processo pode suscitar longas discussões jurídicas, muitas vezes manifestando discordâncias interpretativas entre a Comissão. Tendo em vista os limites de tempo que envolvem a Caravana da Unisinos, já que teremos também atividades culturais como depoimentos, exibição de vídeos, apresentações artísticas entre outros, o número de processos a serem julgados não poderá ser muito elevado. Creio que teremos por volta de cinco a seis processos em pauta. Em termos de nomes, só posso adiantar o do professor Solon Eduardo Annes Viola,<sup>1</sup> cujo processo já está pronto para

1 Solon Eduardo Annes Viola é doutor em História, pela Unisinos, onde, atualmente, é professor de História da Educação e de Direitos Humanos e Democracia na América Lati-

judgamento. Tenho certeza de que ele será julgado na Unisinos. É que, além da Caravana da Unisinos teremos também, no dia 17-10-2008, a Caravana em Porto Alegre, em local ainda não definido. É certo que na Caravana de Porto Alegre teremos o processo do Raul Pont e a assinatura da Portaria de Anistia de Leonel de Moura Brizola.<sup>2</sup> Quanto aos outros nomes, ainda não temos a completa definição dos processos, mas posso adiantar que teremos casos, na Unisinos, de estudantes que foram perseguidos politicamente pela ditadura civil-militar brasileira. Importa, por fim, mencionar que a antecedência mínima com a qual os processos a serem julgados devem ser publicamente referidos no *Diário Oficial da União* é de 48 horas antes do julgamento.

#### **IHU On-Line - A Caravana já passou por quais estados e por onde ainda vai passar?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho** - A primeira Caravana ocorreu em 2007, na Universidade de Brasília (UnB), onde acontecia o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE)<sup>3</sup> comemorativo aos 60 anos da entidade. A partir de março de 2008, começaram a acontecer em seqüência as outras Caravanas: na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) no Rio de Janeiro; em São Paulo, na Associação dos Aposentados

na. Também participa da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos, além de ser membro do Comitê Brasileiro de Educação em Direitos Humanos. Confira uma entrevista com ele publicada na revista IHU On-Line número 257, de 12-05-2008, intitulada "A força dos movimentos sociais na luta por direitos humanos e democracia no Brasil". (Nota da IHU On-Line)

2 Leonel de Moura Brizola (1922-2004): político brasileiro, nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul. Foi prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul, deputado federal pelo extinto estado da Guanabara, e duas vezes governador do Rio de Janeiro. Sua influência política no Brasil durou aproximadamente 50 anos, inclusive enquanto exilado pelo Golpe de 1964, contra o qual foi um dos líderes da resistência. Por várias vezes foi candidato a presidente do Brasil, sem sucesso, e fundou um partido político, o PDT. Sobre Brizola, confira no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), a versão eletrônica do *Cadernos IHU em Formação*, intitulada *Populismo e trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. (Nota da IHU On-Line)

3 Sobre a UNE, confira a entrevista realizada pelo sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) com Lúcia Stumpf, nova presidente da instituição, intitulada "A UNE aos 70 anos", que foi ao ar em 13/7/2007. (Nota da IHU On-Line)

do Estado de São Paulo; em Goiânia, na Universidade Federal de Goiás (UFG); em Curitiba, organizado pelo Grupo Tortura Nunca Mais-PR; em Belo Horizonte; em Salvador, onde ocorreu o julgamento histórico dos requerimentos dos sindicalistas perseguidos do Pólo Petroquímico de Camaçari; no ABC paulista, onde foram julgados requerimentos de sindicalistas que se envolveram nas Greves da região; na sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),<sup>4</sup> em Brasília; no Palácio do Governo em Maceió; no Encontro Nacional dos Estudantes de Direito (ENED), em Caxias do Sul. No dia 10 de outubro, ainda antes das Caravanas da Unisinos e de Porto Alegre, será realizada a Caravana no Memorial da Resistência em São Paulo, na Pinacoteca, comemorativa aos quarenta anos do Congresso da UNE em Ibiúna, interior de São Paulo, no qual centenas de estudantes foram presos e indiciados em Inquérito Policial Militar. A Caravana do Rio Grande do Sul será a 13ª, e certamente muitas outras ainda virão.

#### **IHU On-Line - Para o senhor, por que muitos arquivos da ditadura não foram abertos e como poderiam contribuir para esses julgamentos que a Comissão está realizando? Há fundamento no temor do presidente do STF, Gilmar Mendes, ao dizer que pode haver instabilidade institucional se os arquivos da ditadura forem abertos?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho** - Primeiramente, é importante salientar que muitos arquivos já foram abertos. Um dos casos recentemente noticiados, por exemplo, foi o dos arquivos secretos do Itamaraty, fato que foi objeto de uma competente cobertura jornalística por parte do jornal *Correio Braziliense*. Mas é claro que há muitos arquivos que ainda não foram abertos, em especial os que se encontram em poder das Forças Armadas. Penso que estes arquivos não são abertos em razão de uma série de fatores. Um desses é, sem dúvida, a tenaz resistência por parte de determinados setores e pessoas ligadas às Forças Armadas e que ainda possuem gran-

4 Sobre essa passagem, leia no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), nas *Notícias do Dia* de 27-09-2008, a notícia "CNBB defende punição de torturadores e pede abertura dos arquivos". (Nota da IHU On-Line)

de influência pessoal e ideológica. Para estas pessoas, o golpe foi “revolução”, a resistência foi “terrorismo” e o extermínio e a tortura foram, ao mesmo tempo, um “castigo merecido” e uma “medida indispensável de combate à subversão”. O pior, contudo, é o apoio que esta leitura míope e desfocada recebe por parte de setores expressivos da sociedade. Creio que isto se deve em grande parte à desinformação e ao desconhecimento dos episódios que tomaram corpo naquela época. Caso houvesse um maior espaço para reflexão, discussão e conhecimento sobre os atos abomináveis do governo autoritário e sobre o significado político da resistência ao regime ditatorial, a pressão social seria muito maior pela abertura desses arquivos. Trata-se da história do Brasil, que é direito de todos os brasileiros e brasileiras conhecer. Com relação aos requerimentos de anistia, é certo que, em muitos casos, não é possível comprovar documentalmente a perseguição política, e que isto se dá, entre outras razões, pelo fato de que tais documentos não se tornaram acessíveis. Nessas circunstâncias, torna-se, infelizmente, inviável o deferimento das anistias. Por outro lado, é fato que os documentos acessíveis em uma série de arquivos que foram abertos colaboraram indiscutivelmente para o deferimento em tantos outros casos que já foram apreciados pela Comissão.

Quanto ao temor manifestado pelo Ministro Gilmar Mendes,<sup>5</sup> só posso dizer que, se há algum fundamento para ele, eu discordo totalmente. Penso que a questão é exatamente inversa. Na medida em que o Brasil insistir em não confrontar o seu passado, em não curar as suas feridas, em não saber tudo o que de fato aconteceu, em não saber publicamente o nome de quem torturou e matou na condição de agente estatal, em não julgar e punir tais agentes, nós continuaremos vivendo sob o signo da violência, da corrupção e da fragili-

5 Gilmar Mendes (1955): jurista brasileiro. É formado em Direito pela UnB (Universidade de Brasília), onde também fez mestrado. Fez doutorado na Universidade de Münster, na Alemanha. Foi advogado-geral da União no Governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), sendo nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2002 por indicação de Fernando Henrique Cardoso, então Presidente da República. Em 2008, tornou-se presidente da Suprema Corte brasileira. (nota da IHU On-Line)

dade democrática. Somos uma democracia recente que, a muito custo, em suas instituições públicas, procura se livrar da herança despótica e patrimonialista que tem pautado nossa sociedade durante séculos. Não podemos ter medo de reconhecer nossas fraquezas institucionais e os abusos e injustiças cometidos pelo Estado brasileiro. Não querer conhecer sua própria história e dar declarações públicas que estimulem este desconhecimento, para mim,

**“As Caravanas da Anistia possuem como proposta central realizar o julgamento de requerimentos de anistia por perseguição política não apenas dentro das quatro paredes do Ministério da Justiça, mas também nos Estados brasileiros, nos quais aquelas perseguições ocorreram”**

é um sinal claro de que, na verdade, já vivemos um desequilíbrio institucional.

**IHU On-Line - A Lei da Anistia, em sua opinião, é um tema jurídico ou político?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho - A Lei de Anistia é uma questão tanto política quanto jurídica. A atual lei, promulgada em 2002, é o resultado de um jogo de forças político que estabeleceu, de um lado, uma série de avanços em relação à Lei de 1979, mas que,**

por outro lado, não resolveu adequadamente todos os ângulos da questão. Por exemplo, de acordo com a lei, um estudante que tenha sido aguerrido combatente da ditadura, e que tenha sido preso e torturado, pode receber a título indenizatório um valor infinitamente menor do que um bancário cujo irmão era comunista e foi demitido pela “subversão” do irmão, sem que tenha movido uma palha sequer contra o sistema ditatorial instalado no país. A lei privilegia aqueles militantes que possuíam um emprego e que foram demitidos por motivação política, fazendo jus a uma prestação mensal, permanente e continuada no valor aproximado ao que receberiam caso não houvessem sido demitidos, levando-se em conta os princípios da razoabilidade e proporcionalidade dos atos da Administração Pública. O estudante que não tinha emprego, por sua vez, receberá tão somente a quantia de 30 salários mínimos por cada ano em que foi perseguido no limite máximo de até R\$ 100.000,00. A Lei de Anistia não repara as desigualdades da sociedade brasileira. Um servente que foi perseguido político vai continuar ganhando muito pouco, nos moldes de outros indivíduos da sua categoria profissional. Creio, porém, que o mais importante da Anistia não é a indenização, mas sim o reconhecimento público de que o Estado perseguiu e vitimou aqueles que deveria proteger, especialmente porque estavam sob sua custódia. Afinal, que espécie de Estado de Direito é este que dá os direitos básicos e fundamentais só para alguns e reserva a outros a dimensão da “vida nua” à qual se refere Giorgio Agamben?<sup>6</sup> Não

6 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações*

podemos esquecer que o Direito nasce da política, ainda que tenha sua lógica própria, e que no nosso país, em muitas situações, a própria interpretação jurídica cede aos interesses políticos do momento. Para isto, basta ver os eventos recentes relacionados ao senhor Daniel Dantas.

### **IHU On-Line - A Caravana está recolhendo materiais doados que estejam vinculados à ditadura militar. Por que é importante lembrar as vítimas da ditadura?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho**

- Esta pergunta foi objeto de um recente seminário ocorrido no âmbito da Cátedra Unesco-Unisinos de Direitos Humanos, que debatia a questão do esquecimento das vítimas. Com muita satisfação, tive a oportunidade de proferir uma palestra no evento, a convite do professor Castor Bartolomé Ruiz<sup>7</sup> e ao lado do amigo Ricardo Timm de Souza.<sup>8</sup> O teor desta palestra transformei em artigo que será publicado em breve nos anais do evento e na *Revista Veritas*. Ali argumentei que o esquecimento das nossas vítimas está diretamente relacionado ao grau de barbárie e violência que hoje experimentamos, e, o que é pior, à

(São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Castor Bartolomé Ruiz é graduado em Filosofia e Teologia, pela Universidade de Comillas, mestre em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutor em Filosofia, pela Universidad de Deusto, Espanha. Ruiz é docente do PPG em Filosofia da Unisinos. Leia um depoimento dele sobre a questão da anistia, publicado na revista IHU On-Line número 268, de 11-08-2008. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> Ricardo Timm é mestre e doutor em Filosofia. Escreveu inúmeros livros, entre eles, *Sujeito, Ética e História - Levinas, o trauma-tismo infinito e a crítica da filosofia ocidental* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999), *A condição humana no pensamento filosófico contemporâneo* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Em torno à diferença - Aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007). Leia uma entrevista especial feita com ele pelo sítio do IHU e publicada em 13-07-2008, intitulada "A Filosofia mudou depois de Auschwitz". (Nota da IHU On-Line)

opacidade deste fato aos olhos da chamada "opinião pública" brasileira, a tal ponto que a opacidade está prestes a se transformar em cinismo, se é que já não se transformou. A epidemia de cegueira que Saramago<sup>9</sup> diagnosticou para a nossa sociedade está se transformando em uma epidemia de cinismo que se apóia na ignorância, muitas vezes disfarçada de irreverência e "ares de sabe-tudo" ou de "já não me surpreendo com nada", como, aliás, pode ser comprovado nos textos de alguns colunistas de semanários nacionais.

### **IHU On-Line - Esquecer nosso passado, como sugerem alguns políticos, põe em risco a democracia?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho**

- Eu pergunto: que democracia podemos almejar a partir do esquecimento da nossa própria história? A democracia exige uma atitude madura, disposta a fazer concessões, disposta a ouvir opiniões diferentes, disposta a mudar a própria opinião. Este patamar só pode ser atingido por alguém que aprendeu a reconhecer os seus próprios erros.

### **IHU On-Line - O regime do medo continua?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho**

- Basta abrir os olhos e o coração para perceber que muitos cidadãos brasileiros continuam sendo torturados, continuam não tendo acesso a serviços essenciais, continuam sendo totalmente abandonados à sua própria sorte. Quando fui ao cinema assistir *Tropa de elite*,<sup>10</sup> as pessoas riam durante as cenas de tortura dos jovens moradores da favela (que por morarem lá sabiam muito mais dos traficantes que a própria polícia), riam quando o Capitão Nascimento tratava mal a sua mulher, quase tiveram um orgasmo quando os policiais subiram o morro atirando indiscri-

<sup>9</sup> Confira na IHU On-Line nº 275, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, a crítica "Uma fábula sobre a perda da autonomia", de André Dick, referente ao filme *Ensaio sobre a Cegueira*, de Fernando Meirelles. (Nota da IHU On-Line)

<sup>10</sup> *Tropa de Elite*, de José Padilha, foi filme da semana na IHU On-Line número 240, de 22-10-2007. André Dick é autor de uma crítica sobre o documentário. (Nota da IHU On-Line)

minadamente. Somos forçados a ver cenas de helicópteros perseguindo pessoas quase nuas correndo nessas zonas de exceção nas quais as favelas vêm se transformando. Um jovem negro de 18 anos que mora em uma favela está sujeito ao medo constante, e assim sua mãe, seus amigos, seus parentes. Por outro lado, a classe média não pode sair de casa sem olhar para os lados, os motoristas não podem deixar de olhar para os retrovisores, os subordinados não podem descuidar dos interesses pessoais dos seus chefes, e os policiais precisam arriscar as suas vidas quase diuturnamente, sem que tenham o mínimo preparo psicológico e acadêmico para isto. Se isso não for um sinal de que o medo continua, não sei mais o que pode ser.

### **IHU On-Line - Torturadores e guerrilheiros devem ser punidos de modos diferentes? Quais os critérios éticos e jurídicos que devem permear o julgamento desses casos?**

**José Carlos Moreira da Silva Filho**

- Dos cerca de 75 guerrilheiros do PC do B que foram para o Araguaia, podem ser contados nos dedos de uma mão aqueles que sobreviveram àquela que foi a segunda maior operação militar brasileira, perdendo apenas para os efetivos enviados à Segunda Guerra Mundial. De 3 a 10 mil homens foram enviados, não só para exterminar aqueles guerrilheiros (dos quais não se sabe até hoje o paradeiro), mas também para escravizar, fustigar e torturar dezenas e dezenas de camponeses da região. Dos militantes que participaram dos seqüestros de embaixadores e empreenderam a luta armada no meio urbano, muitos foram assassinados, exilados, torturados, deportados, destacando aqui o caso do Bacuri, morto a machadadas pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury.<sup>11</sup> Mais recentemente, na Ca-

<sup>11</sup> Sérgio Fernando Paranhos Fleury (1933 - 1979): foi um delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo. Ficou conhecido pelos métodos cruéis e desumanos de tortura durante os interrogatórios que presidia para obter confissões na época do regime militar no Brasil - período conhecido como os Anos de Chumbo, o qual apoiava. Também atuou no serviço de radiopatrulhamento da cidade de São Paulo, ganhando notoriedade no combate violento ao crime. (Nota

“O mais importante da Anistia não é a indenização, mas sim o reconhecimento público de que o Estado perseguiu e vitimou aqueles que deveria proteger, especialmente porque estavam sob sua custódia”

ravana de Maceió, tive a oportunidade de relatar o processo de Rholine Sonde Cavalcanti Silva,<sup>12</sup> militante que atuou intensamente na guerrilha urbana em Recife. Ele foi condenado à prisão perpétua (escapando por pouco da condenação à morte, então em vigor pela Lei de Segurança Nacional), foi um dos últimos presos políticos a ser libertado, mantido prisioneiro na Ilha de Itamaracá por longos dez anos, acompanhados das torturas mais inomináveis. Não foi anistiado em 1979 e viveu em liberdade provisória até a promulgação da Constituição de 1988. Por outro lado, eu pergunto: há algum torturador ou agente público do Estado brasileiro responsável pela tutela e proteção de milhares de brasileiros e brasileiras que foram violados em seus direitos mais básicos e que tenha sido ao menos julgado pelos crimes contra a humanidade que cometeu? Basta a menção a essa possibilidade, para que muitos setores da sociedade brasileira levantem a voz ofendida contra o inconveniente que trouxe esse

da IHU On-Line)

12 Rholine Sonde Cavalcanti Silva: militante que atuou intensamente na guerrilha urbana em Recife. Foi condenado à prisão perpétua (escapando por pouco da condenação à morte, então em vigor pela Lei de Segurança Nacional), e um dos últimos presos políticos a ser libertado, mantido prisioneiro na Ilha de Itamaracá por longos dez anos, acompanhados das torturas mais inomináveis. Não foi anistiado em 1979 e viveu em liberdade provisória até a promulgação da Constituição de 1988. (Nota da IHU On-Line)

assunto à tona.

É importante lembrar também de duas coisas: primeiro, que a maioria das pessoas perseguidas, presas, demitidas, impedidas de trabalhar por muitos anos e torturadas não pegaram em armas contra o regime ilegítimo, inconstitucional e violento que tomou de assalto a nação em 1964. E, em segundo lugar, que diante de uma situação ilegítima e arbitrária como esta, não podemos julgar as pessoas que não viram outra saída a não ser resistir pelas armas ao Estado de exceção, arriscando suas vidas, seus afetos e seu conforto. Os guerrilheiros não detinham o poder do Estado e o seu aparato técnico-burocrático de controle e extermínio. Antes do golpe, o Brasil não estava a caminho do comunismo, mas sim de reformas sociais urgentes, como a alfabetização pelo método Paulo Freire<sup>13</sup> (deflagrada com o Plano Nacional de Al-

13 Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, do dia 30-09-2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27-09-2004. Confira, ainda, a edição 223, de 11-06-2007, intitulada *Paulo Freire. Pedagogia da esperança*. (Nota da IHU On-Line)

fabetização) e a da Reforma Agrária (com o reforço das Ligas Camponesas e dos Sindicatos Rurais). Mudanças que ainda estão pendentes no nosso país. Creio, assim, que a questão não é julgar os guerrilheiros (a maioria já foi julgada e muitos estão mortos e desaparecidos sem nenhum tipo de julgamento), mas sim os torturadores e os agentes públicos que na ditadura civil-militar brasileira cometeram crimes contra a humanidade. Precisamos dar o exemplo para o funcionamento ético e jurídico das nossas instituições públicas, afinal, nem mesmo a lei da ditadura autorizava a tortura.

#### LEIA MAIS...

>> José Carlos Moreira da Silva Filho já participou de outras edições da revista IHU On-Line. Confira na nossa página eletrônica [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).  
Entrevista

\* *A afirmação positiva da diferença*. Edição nº 266, de 28-07-2008, intitulada *Movimentos sociais. Criminalização é um atentado à democracia*.

Depoimento

\* *Recordar ou esquecer? A Lei da Anistia em discussão*. Edição nº 268, de 11-08-2008, intitulada *Macunaima: 80 anos depois. Ainda um personagem para pensar o Brasil*.

#### LEIA MAIS...

A Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, além de cumprir sua missão legal de julgar os milhares de pedidos de anistia e indenização por perseguição política empreendida pela ditadura militar no Brasil, está envolvida em um projeto de educação em Direitos Humanos. Uma das pontas deste projeto chama-se Caravanas da Anistia.

Nestas caravanas, a comissão se desloca a diferentes estados da federação brasileira para, ali, priorizando instituições de ensino, julgar processos emblemáticos de militantes e perseguidos políticos que atuaram naquele Estado. Além dos julgamentos, há a promoção de atividades culturais como palestras, filmes e apresentações artísticas.

Já foram realizadas cerca de sete Caravanas (Rio, São Paulo, Curitiba, Goiânia, Caxias do Sul - esta última em meio à ocorrência do Encontro Nacional de Estudantes de Direito -, Belo Horizonte e Brasília). Nesta quinta-feira, 16-10-2008, a Caravana da Anistia estará na Unisinos.

# Invenção

Editoria de Poesia

## Lígia Dabul

POR ANDRÉ DICK

A poeta Lígia Dabul nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1959. Possui graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialização em Antropologia Social, pelo Museu Nacional da UFRJ, mestrado em Artes Visuais, na área de Antropologia da Arte, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e doutorado em Sociologia, pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente, é professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem experiência nas áreas de Sociologia e Antropologia, com ênfase em Sociologia da Arte e Antropologia da Arte. Também é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Área Imagem e Cultura da EBA da UFRJ.

Ela publicou os livros *Um percurso da pintura: a produção de identidades de artista* (Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2001) e *Som* (Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2005), este de poemas. Além disso, tem no prelo a obra poética intitulada *Nave*. Seus escritos se caracterizam sobretudo pela paisagem da cidade em que nasceu, com observações sobre o cotidiano. Um exemplo claro, neste sentido, é “Preamar”, que costura um verso que privilegia a construção simétrica da paisagem: “O Rio de Janeiro assa. Vai / chover. Meninas fervem pelas bordas. / Há quem voe no afã da fuga. Nada. / Mamíferas emergem dando corda: / não senti o arpão bífido daqueles / olhos. Nem me afastei de nenhum barco / por amor. A malina encobre meus / desejos

incompletos. [...] / Experimento as bordas das meninas. / O pescador imita a minha cria / com gemido eletrônico. Confundo-me / com os gritos. Despeço-me de tudo”. Ou em “Lava a jato”, com seu simultaneísmo de imagens urbanas: “véspera de feriado tudo o que é fosco / reluz o esforço para sair desta cidade / não resultou em absolutamente nada / essa espuma ali perto do maracanã / morrendo de medo no sinal você / quer biscoito globo outro vôo e / a praça da bandeira desembarca / no viaduto que mais parece / um poleiro os carros de longe / dormem mas eu subo furiosa”. Já em “Espera”, Lígia remete, com exatidão, sobretudo ao mar do Rio de Janeiro: “dores findas / doces mélicas / cólicas quero / abandonar o costume / marcar ainda mais / tudo / nada / de novo / a demora / nem pensar na / imagem que fica nessa pedra – / a onda vem e / estoura, / vocífera / mancha a tua lente / com uma espuma quase / branca”.

### Sensibilidade da natureza

De certo modo, os poemas de *Nave* desenvolvem as estruturas mais sintéticas que vemos no primeiro livro de Lígia, *Som*. Neste, Lígia desenha a sensibilidade da natureza num instante exato, como se fosse um *flash* fotográfico, em “Apaixonada aléia”, por exemplo: “Num segundo e por descuido / a aléia oferece o

pulso / ao percurso. / Em seguida desprende- / se / em / seguida / desprende / um / por / um / seus / arbustos”. A natureza, como se vê em *Nave*, é visualizada em paisagens que se relacionam à vegetação, ao mar e a rios. Até mesmo num poema extremamente conciso, “Expansão”: “no / mí / ni / mo / / do / mar / a / / gota”. Há outros poemas que lembram cartas, fragmentos de diário, mostrando quase sempre um diálogo amoroso implícito, o que faz com que alguns poemas de Lígia dialoguem com certa dicção marginal. No entanto, sua poesia possui um aspecto mais bem construído, apostando em versos que não recusam a metalinguagem e cortes nos versos inesperados, como em “Acessório”: “A pala (alvíssima) / da menina. A / pele cal / ma (palavra / al / ma) / / no registro. / / A cela (d / ela) / toda / na vitrine”. Nessa metalinguagem, Lígia não raramente exprime uma sensação de sonho, como em “Pouco mais”: “Pouco / bem pouco ou nada / nem dor que em sílaba resume a palavra / que estendo ao máximo para não parecer poema / talvez à máxima extensão do poema / e se possível / mais”. Mas há também uma ligação, nesta escrita, com alguém que parece faltar: “grafo porque o traço / renuncia à ilegível / limpidez / / para além / / renuncio (porque são) / a uma solidão / em um corpo / / para quem?”. Confira, a seguir, dois poemas inéditos que Lígia Dabul enviou à IHU On-Line.

## FESTA

Preocupam-se com a voz. Perdoam sempre a dispersão de ouvintes, a presença de corpos procurando outro contato e a tensão que já foi a original. Eu me lembro de antigos aditivos, prenúncios de desfechos, formas fixas, imagens bem mais vivas que a do instante: os teus olhos abertos sobrevoando sem que faça sentido essa fogueira acesa, a boca acesa, eu mesma acesa. Teus olhos não tiveram nunca idéia de tudo o que se queima e se oferece.

## EXTENSORA

Deus proteja esse táxi. Da cadeira adutora defino alguns percursos normais. Belezaonline. Laranjeiras suas flores e dores nos meus músculos frontais. Eu amo minha mulher. Amo minhas filhas. Mas como reter ritmos quase abdutores sempre transitando nesse táxi e alongando os apetites de Ipanema Leblon Nova Iguaçu? Veloz correr na esteira dos encontros. Almoçar a cidade. Jantar rúcula com tomate e parar justo no ponto.

Na cadeira extensora te alcançar.  
Deus proteja e abençoe nosso lar.

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 07-10-2008 a 12-10-2008.**

**Morro do Osso: A luta dos Caingangues na capital gaúcha**  
Entrevista especial com Roberto Liebgott

Confira nas Notícias do dia 07-10-2008

Para o coordenador do CIMI-Sul, a intenção por detrás dos órgãos que tentam retirar os índios Caingangues do Morro do Osso, em Porto Alegre não é preservar o meio ambiente do local, mas edificar condomínios de luxo numa região nobre da cidade.

**Nova classe média: uma síntese do capitalismo.**

Entrevista especial com Patrícia Trópia

Confira nas Notícias do dia 08-10-2008

Como podemos compreender a assim chamada “nova classe média”? Qual é o impacto da crise financeira internacional sobre ela? A professora da Unicamp e Puc-Campinas responde a estas e outras perguntas.

**As eleições municipais de São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte.**

Entrevistas especiais com Vera Chaia, Adriano Codato e Eduardo Zauli

Confira nas Notícias do dia 09-10-2008

Três cientistas políticos analisam as eleições municipais das capitais de São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

**“Ninguém sabe, na realidade, até onde a crise pode chegar”**

Entrevista especial com André Biancareli

Confira nas Notícias do dia 10-10-2008

Para o economista, “o que pode estar chegando ao fim, ou pelo menos sofrendo fortes abalos, é um tipo de capitalismo – totalmente desregulado e, mais do que isso, financeirizado”.

**As eleições municipais no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Um novo desafio para a esquerda brasileira.**

Entrevista especial com Maria Izabel Noll e Ivo Lesbaupin

Confira nas Notícias do dia 11-10-2008

Como se configurarão os governos municipais dos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul? Esta é uma das questões refletidas pelos entrevistados de hoje, que também analisam a expansão do PT e o posicionamento da esquerda em seus estados.

**Performances e ritos na religião brasileira.**

Entrevista especial com Antonio Herculano Lopes

Confira nas Notícias do dia 12-10-2008

“As religiões sempre ‘negociaram’, em maior ou menor grau, com o meio social e o momento histórico”, afirma o sociólogo refletindo sobre os ritos e as performances religiosas do Brasil.

### Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em 08-10-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

<b>Dia 14-10-2008</b>
<p style="text-align: center;"><i>I Simpósio Internacional O ano 1968: Permanências e Mudanças</i> 14h às 17h Recepção e Inscrições Local: Anfiteatro Pe. Werner 17h15min</p> <p>Mostra de cinema: exibição do filme <i>Batismo de sangue</i>, de Helvécio Ratton (2006) Local: sala 1G119 19h</p> <p>Apresentação da banda de alunos do Unilínguas, apresentando repertório com músicas internacionais e nacionais. 20h</p> <p>Conferência de abertura 1968: o ano que “ainda” não terminou? – Zuenir Ventura Local: Anfiteatro Pe. Werner</p>
<b>Dia 14-10-2008</b>
<p><i>Conversas sobre o Mundo do Trabalho e a Vida dos/das Trabalhadores/as: As políticas de trabalho, emprego e renda na região do Vale do Rio dos Sinos</i> A Qualificação Profissional dos trabalhadores/as no Vale do Rio dos Sinos. Debatedores: Elza Magalski (Promotora Legal Popular e Diretora de Projetos – Diretoria Municipal da Mulher de SL); Ereni Poerschke (Coordenação do MTD Estadual); José Alencar P. Pereira (Fórum de Recicladores de SL); Madalena Peixoto Paulino (Assistente Social da APAE de Sapucaia do Sul); - Profa. Rosângela M<sup>a</sup> Herzer dos Santos - UNISINOS (Presidente da Comissão de Emprego de SL); e Walter Doell Wegermann (Gerente da Incubadora da UNITEC/UNISINOS). Horário: das 19h30min às 22h Local: Sala 1G 119 - Instituto Humanitas Unisinos – IHU</p>
<b>Dia 15-10-2008</b>
<p style="text-align: center;"><i>Simpósio Internacional O ano 1968: Permanências e Mudanças</i> 9h às 11h</p> <p>Mesa-redonda 68: Cultura e Juventude – Prof. Dr. Rafael Bayce – Universidad de la República, Uruguay e Prof. Dr. Sergio Zermeño – Universidad Nacional Autónoma de México, México Local: Auditório Central 12h</p> <p>Mostra de cinema: exibição do filme “A chinesa”, de Jean-Luc Godard ( 1967) Local: Sala 1G119 14h às 17 h</p> <p>Grupos de Trabalho - GTs Local: salas do Corredor C – Ciências Humanas 17h15min</p> <p>Mostra de cinema: exibição do filme “Os sonhadores”, de Bernardo Bertolucci ( 2003) Local: Sala 1G119 19h30min</p> <p>Conferência 1968: revoltas juvenis e pós-modernidade – Prof. Dr. Michel Maffesoli – Université Paris V, Sorbonne Local: Anfiteatro Pe. Werner</p>

**Dia 16/10/2008***Simpósio Internacional O ano 1968: Permanências e Mudanças*

9h às 11h

Mesa-redonda 68: Cultura e Feminismo – Profa. Dra. Nelly Richard – Universidad de Arte y Ciencias Sociales, Chile e Profa. Dra. Céli Pinto – Universidade Federal de Rio Grande do Sul

Local: Auditório central

12h

Mostra de cinema: exibição do filme “*Todas as mulheres do mundo*”, de Domingos de Oliveira (1966)

Local: Sala 1G119

14h às 17h

Grupos de Trabalho – GTs

Local: Salas do Corredor C – Ciências Humanas

17h15 min

Mostra de cinema: exibição do filme “*Terra em Transe*”, de Glauber Rocha (1967)

Local: Sala 1G119

19h30min

Mesa-redonda 68: Cultura, arte e cinema

Local: Anfiteatro Pe. Werner

**Dia 17/10/2008***Simpósio Internacional O ano 1968: Permanências e Mudanças*

9h às 11h

Mesa-redonda Pós-68: Memória e emancipação – Prof. Dr. Benjamín Arditi – Universidad Nacional Autónoma de México, México

Local: Auditório Central

12h

Mostra de Cinema: exibição do filme *A opinião pública*, de Arnaldo Jabor (1967)

Local: Sala 1G119

14h às 17h

Grupos de Trabalho – GTs

Local: salas do Corredor C – Ciências Humanas

19h30min

Conferência de encerramento

**Dia 20/10/2008***Encontros de Ética*

Antecipação do parto em caso de anencefalia: um direito a exigir?

Palestrante: Profa. Dra. Marcia Mocellin Raymundo – UFRGS

Horário: das 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos – IHU

**Dia 20/10/2008**

EAD 2 - Espaço de Espiritualidade I - ABRIR OS OLHOS

ETAPA 3: OLHAR AO NOSSO REDOR

Para colaborar na construção de uma sociedade sustentável, não podemos ter os olhos fechados ao mundo que nos rodeia. É necessário também ver os sinais da Presença de Deus no mundo de hoje. Nos perguntamos: é possível fazer da realidade oração?

- Lembrar as diferentes experiências religiosas vividas.
- Abrir os olhos ao mundo que nos rodeia e descobrir suas luzes e sombras.
- Onde está Deus nos acontecimentos atuais? Ousar-nos a descobrir a sua presença.
- Aprender a rezar a partir da realidade. Proposta de oração com as notícias diárias.

## A qualificação profissional dos trabalhadores do Vale do Rio dos Sinos em debate

POR BRUNA QUADROS

A qualificação profissional dos trabalhadores do Vale do Rio dos Sinos é o tema da próxima edição do evento *Conversas sobre o mundo de trabalho e a vida dos trabalhadores: as políticas de trabalho, emprego e renda na região do Vale dos Sinos*. O encontro, promovido periodicamente pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, será realizado na sala 1G119, das 19h30 às 22h.

A proposta da atividade é oportunizar um espaço de diálogo, análise e proposição sobre as políticas de trabalho, emprego e renda na região do Vale dos Sinos. Para tanto, serão utilizados indicadores sociais e da realidade experimentadas pelos trabalhadores, gestores, pesquisadores e estudantes da região.

## Adeus, Lênin é destaque no ciclo de debates O capitalismo visto pelo cinema

Filme será exibido no próximo dia 18, no CEPAT, em Curitiba

No próximo dia 18, o Centro de Pesquisa e Apoio ao Trabalhador – CEPAT, com sede em Curitiba, dá continuidade ao evento *O capitalismo visto pelo cinema*. Desta vez, será exibido o filme *Adeus, Lênin*, lançado em 2003, cujo título original é *Good bye, Lênin*, do diretor Wolfgang Becker. O debate e análise da obra serão conduzidos sob a ótica do tema a perspectiva socialista, na sede do Sindicato dos Engenheiros (SENGE/PR), das 8h30 às 12h30.

Identificar os códigos usados no filme, estabelecendo uma relação à compreensão científica do capitalismo, e relacionar o desenvolvimento desta forma de organização da sociedade com o atual panorâmico econômico e social são os objetivos do evento. A atividade, que tem entrada gratuita, é realizada em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

### Sinopse

Em 1989, pouco antes da queda do muro de Berlim, a Sra. Kerner (Katrin Sab) passa mal, entra em coma e fica desacordada durante os dias que marcaram o triunfo do regime capitalista. Quando ela desperta, em meados de 1990, sua cidade, Berlim Oriental, está sensivelmente modificada. Seu filho Alexander (Daniel Brühl), temendo que a excitação causada pelas drásticas mudanças possa prejudicar sua saúde, decide esconder-lhe os acontecimentos. Enquanto a Sra. Kerner permanece acamada, Alex não tem muitos problemas, mas quando ela deseja assistir à televisão ele precisa contar com a ajuda de um amigo diretor de vídeos.

# Perfil Popular

## Alzira de Oliveira

POR BRUNA QUADROS

Nesta semana, a equipe da IHU On-Line foi conferir as novidades em artigos artesanais na tradicional exposição realizada no câmpus. Foi lá que conhecemos Alzira de Oliveira, 65 anos, o Perfil Popular desta edição. A banca de Alzira chamou a atenção pela diversidade e beleza de velas e luminárias decorativas. Esta arte ela não aprendeu em cursos, mas, sim, ao assistir o “passo-a-passo” em um programa de TV. A venda dos artigos é dividida entre os 40 membros da Associação dos Artesãos e Arte de Novo Hamburgo, município onde mora Alzira. Segundo ela, o valor auxilia na renda familiar, mas o que a incentiva a fazer as peças é o gosto pela arte. Conheça, a seguir, um pouco mais da história de Alzira:



BRUNA QUADROS

Foi no município de Feliz, no interior do Rio Grande do Sul, que nasceu Alzira de Oliveira, há 65 anos. Filha dos agricultores Ernesto e Regina, já falecidos, ela teve outros oito irmãos. “Hoje são cinco filhos vivos”, conta. Ela, que é a mais nova entre as meninas, lembra que o relacionamento em família era de muito carinho, embora a educação fosse rígida. “Minha mãe era muito querida. Só com o olhar dos nossos pais, já sabíamos o que tínhamos que fazer.” Desta forma, Alzira aprendeu a ter respeito pelas

peçoas, a ter vergonha e educação. “Hoje em dia, talvez pela criação diferente, mas têm muitos jovens que não tem respeito nem educação”, afirma.

Quando Alzira estava com seis anos de idade, a família se mudou para Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. “Saímos de Feliz, porque a vida lá estava difícil. Enquanto morávamos lá, da manhã à noite, mesmo ainda crianças, nós íamos junto para a roça.” Alzira conta que os momentos para brincadeiras eram aos domingos. “Não tínhamos os brinquedos que há hoje. Era uma época diferente, mas não era ruim.” Alzira conta que também gostava muito de estudar, mas teve de parar com os estudos, por causa do trabalho. “Cursei apenas a primeira série primária. Depois, fui trabalhar em casas de família, cuidando de crianças, quando eu também era criança, então com oito anos. Com 13 anos, comecei a trabalhar em uma firma, tipo moinho, em Caxias do Sul.”

Aos 23 anos de idade, Alzira casou. “O casamento era um sonho meu. A época de namoro foi muito boa. Nunca brigávamos e saíamos à noite sem nos preocuparmos com a violência. Trabalhei bastante, mas aproveitei a minha juventude”, conta. Da união com João Oliveira, que se consolidou com muita união e respeito, teve dois filhos: Tânia, 42 anos, e Ivan, 30. Ambos são motivo de muito orgulho para Alzira. “Ele mora no Ceará, no setor calçadista. Minha filha é massoterapeuta. Agradeço a Deus todos os dias, porque os meus filhos nunca incomodaram. Tenho uma neta, a Camila, que está com nove anos.” Para Alzira, a educação está cada vez pior. “É muito roubo, muita falta de respeito. Talvez isso esteja na própria família.”

Depois de casada, Alzira parou de trabalhar, porque o seu marido não deixava. “Mas nunca fiquei sem fazer nada, porque não gosto de ficar parada. Lavava roupas para fora.” Alzira e o esposo arriscaram ter uma malharia em Caxias do Sul, mas também não deu certo. Depois de passar por várias cidades - Feliz, Caxias e São Leopoldo -, Alzira foi morar em Novo Hamburgo com

## “Quero apenas ter saúde para poder trabalhar”

a família, devido à profissão do marido no ramo imobiliário. Já são 27 anos na cidade do Vale do Rio dos Sinos.

Há sete anos, ela aprendeu a trabalhar com artesanato. E,

hoje, faz parte da Associação dos Artesãos e Arte de Novo Hamburgo, que conta com 40 integrantes. Alzira destaca que gosta muito de velas decorativas e nunca fez curso para aprender a fazer as peças. “Cheguei em casa e assisti no programa Mais Você, da Ana Maria Braga, a vela que ‘chora colorido’. Comprei o material e tentei fazer. Saiu uma porcaria! (risos).” Com o tempo, ela foi experimentando as técnicas e o trabalho deu certo. Além de velas, Alzira e o grupo produzem peças exclusivas como luminárias.

O trabalho é exposto e comercializado em diversas feiras e auxilia na renda familiar. “Em feiras anteriores aqui na Unisinos, a gente deixava de vender porque não tinha mais peças. Hoje, o movimento está baixo. É claro que o dinheiro ajuda, mas também faço porque gosto e ajuda a complementar a renda de um salário mínimo que recebo como pensionista do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS).”

Alzira conta que nunca passou por uma crise financeira tão grande como agora. Na verdade, ela destaca que a crise existe desde que entrou o governo Lula. “As pessoas só têm dinheiro para comida, remédio: o básico.” Ela acredita que essa situação pode mudar daqui a dois anos, nas próximas eleições presidenciais. “Isso se não forem os mesmos que continuarem. Falta compromisso com o povo. É tudo muito caro, principalmente a cesta básica, que sobe todos os dias.”

O sonho de Alzira sempre foi ter uma chácara. Ela conta que já teve, mas vendeu, porque dava muito trabalho para manter. Hoje, seu maior desejo na vida não se relaciona aos bens materiais. “Quero apenas ter saúde para poder trabalhar.” Esta força, Alzira tira de sua fé. “Sou católica e nunca vou mudar. Hoje em dia, é o dinheiro que está na frente de tudo. Mas, para mim, em primeiro lugar é Deus.”

CONFIRA AS NOTÍCIAS DO DIA  
NO SÍTIO DO IHU  
WWW.UNISINOS.BR/IHU

## IHU Repórter

## Viviane Todt

POR BRUNA QUADROS

**N**a última semana, a professora Viviane Todt visitou a redação da revista IHU On-Line para contar suas experiências profissionais e pessoais. Há onze anos na Unisinos, ela considera a universidade como sua segunda casa. Doutora em Sensoriamento Remoto, pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), atualmente, Viviane integra o corpo docente dos cursos de Informática e Geologia da Universidade. Quando estava ainda na graduação, lecionar era algo que não estava nos planos de Viviane, devido a um grande desafio: vencer a timidez. Hoje, ela se orgulha da profissão, que lhe permite ir além das convencionais metodologias de ensino. Acompanhe, a seguir, a história de Viviane:



GREYCE VARGAS

**Origens** - Nasci em Porto Alegre, há 36 anos. Meus pais são oriundos de famílias simples e pude presenciar o esforço de cada um deles na criação dos filhos – tenho ainda dois irmãos mais novos (Fabiano, funcionário público, de 33 anos, e Anelise, escritora, de 25 anos). Embora as dificuldades econômicas fossem visíveis naquele tempo, meus pais sempre se esforçaram para que tivéssemos uma boa formação escolar e acadêmica, sabendo a importância que estas teriam para o nosso futuro.

**União** - Minha irmã é a minha melhor amiga. Moramos juntas há seis anos. Temos uma relação muito próxima, de cumplicidade, amor e carinho.

**Infância** - Tenho somente ótimas recordações daqueles anos. Posso afirmar que fui uma criança que aproveitou cada etapa de seu desenvolvimento, trazendo comigo recordações incríveis daquela época.

Meus pais moravam no bairro Glória, numa casa que possuía um pátio amplo e eu passava manhãs e tardes brincando na rua – num tempo em que isso ainda era possível. Curiosamente ou não, um dos meus passatempos favoritos era brincar de “escolinha” – eu me imaginava horas e horas exercendo o papel de professora.

**Valores** - Minha mãe sempre nos passou a importância da educação. Como disse anteriormente, ela e meu pai sempre incentivaram os filhos a estudar e construir uma carreira para adquirir a própria independência. Além disso, meus pais me ensinaram a ter respeito pelas pessoas e a valorizar a família.

**Formação acadêmica** - Sempre fui uma aluna muito dedicada. Fiz graduação em Informática, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Assim que terminei, ingressei no

mestrado em Sensoriamento Remoto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Naquela época, meu maior sonho profissional era ir estudar no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) para dar continuidade aos estudos de Sensoriamento Remoto. Comecei a trabalhar com pesquisas que utilizassem técnicas de Inteligência Artificial para o mapeamento e o monitoramento da superfície terrestre, através de imagens de satélite, o que norteou o meu trabalho de doutorado no INPE. Por conta disso, morei durante três anos e meio em São José dos Campos (SP).

**Superação** - Acredito que devemos vencer os nossos limites dia-a-dia. Um exemplo que marcou a minha adolescência foi a necessidade de superar a timidez. Para poder apresentar o meu primeiro trabalho de conclusão de curso, necessitei realizar dois cursos de oratória.